

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

LEONARDO LATINI BATISTA

**DE CIDADE SERTANEJA A BELLA URBS:
OBRAS PÚBLICAS E TENSÕES SOCIAIS EM PATOS DE MINAS
NO INÍCIO DO SÉCULO XX**

Uberlândia, julho de 2009

3905
S. 9(c)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

LEONARDO LATINI BATISTA

**DE CIDADE SERTANEJA A BELLA URBS:
OBRAS PÚBLICAS E TENSÕES SOCIAIS EM PATOS DE MINAS
NO INÍCIO DO SÉCULO XX**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em História, no Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Josianne Francia Cerasoli.

Uberlândia, julho de 2009

FICHA CATALOGRÁFICA

Batista, Leonardo Latini. (1983)

De cidade sertaneja a bella urbs: obras públicas e tensões sociais em Patos de Minas no início do século XX / Leonardo Latini Batista – Uberlândia, 2009.

71, pgs.

Orientadora: Josianne Francia Cerasoli

Monografia (Graduação) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História

Inclui Bibliografia

Palavras-chave: História, Patos de Minas (cidade), Obras Públicas, Urbanização, Tensões Sociais.

LEONARDO LATINI BATISTA

**DE CIDADE SERTANEJA A BELLA URBS:
OBRAS PÚBLICAS E TENSÕES SOCIAIS EM PATOS DE MINAS
NO INÍCIO DO SÉCULO XX**

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Josianne Francia Cerasoli – Orientadora

Prof. Dr.^a Christina Silva Roquette Lopreato

Prof. Dr.^a Marta Emísia Jacinto Barbosa

RESUMO

Esta pesquisa visou compreender, historicizar e problematizar a modernização da cidade de Patos de Minas durante o período de 1900 a 1916, escolhendo como ponto de partida para a reflexão histórica o Matadouro Municipal e a questão da Gestão das Águas — ambos ligados ao tema da salubridade urbana —, pois cremos por meio destas perceber como a cidade se (con)figura num *lócus* privilegiado de discussão e de tensão social compreendendo, assim, o redimensionamento do espaço social urbano desta cidade e a percepção dos sujeitos inseridos nesta tessitura urbana.

Amo a história. Se não a amasse não seria historiador. Fazer a vida em duas: consagrar uma à profissão, cumprida sem amor; reservar a outra à satisfação das necessidades profundas — algo de abominável quando a profissão que se escolheu é uma profissão de inteligência. Amo a história — e é por isso que estou feliz por vos falar, hoje, daquilo que amo.

Lucien Febvre, Combates pela História

A Ângela, João e Leandro.

AGRADECIMENTOS

Nas palavras que virão gostaria de agradecer as pessoas que já fizeram e fazem parte de minha formação acadêmica e humana. Tomando cuidado com as lembranças que são muitas e ao mesmo tempo enganosas, sei que irei esquecer, ainda que involuntariamente, o nome de algumas pessoas importantes.

Primeiramente gostaria de agradecer minha família: ao meu pai João Batista, a Ângela Maria Latini Batista e ao meu irmão-amigo Leandro Latini Batista, por fazerem parte da minha vida, gostaria de lhes dizer que se não fossem vocês eu nada seria.

Recuando no tempo e remontando até as reminiscências mais antigas, lembro-me dos professores que contribuíram, de todas as formas possíveis e imagináveis, em minha formação “pré-acadêmica”: Vilma Otoni, Ronildo, Heloisa e Inezinha, todos da Escola Municipal Aduino Lucio Cardoso (EMALC - BH). Aos professores da Escola Municipal Joaquim dos Santos (BH) Joel, Geraldo e Fernanda.

À Lucélia Bicalho de Souza, que sempre me incentivou a não desistir de estudar e com suas argumentações mirabolantes me estimulou a trilhar por esse caminho.

Adentrando na fase acadêmica, agradeço aos amigos de discussões e festa — que não eram poucas — da PUC Minas (Coração Eucarístico - BH): Thiago Veloso, Paloma Marra, Ivan Nicoslki, Zé Maria, Lucas Lacerda, Marina Fares e Joana Dolabela, queria dizer que nessa conquista há um pouco de cada um de vocês. Obrigado por fazerem parte da minha vida! Desta mesma instituição gostaria de agradecer ao professor Jose Francisco Xavier (Chico).

Aos colegas da Unipam: Margareth Gontijo, Valdecy, Junice, Fernandinha, Sônia, Marcio Henrique, Luciana Andrade, Adriana e principalmente ao amigo-irmão Thiago Lemos da Silva, obrigado por me apoiar nas coisas doidas que penso. Aos professores do Unipam: Antoniette Camargo, Fátima Porto, Altamir Fernandes, Marcos Rassi e a “tia” Eunice.

Gostaria de registrar o meu profundo agradecimento a minha querida orientadora Josianne Francia Cerasoli, por ter me apoiado e topado orientar um sujeito que vive em um estado permanente de ansiedade e pânico. Queria te falar que poucas pessoas como você, fizeram com que eu refletisse tanto. Minha dívida com você é de um valor

impagável. Muito obrigado por me acompanhar na vida acadêmica, e ainda por preocupar-se comigo.

Ao professores vinculados ao Nephispo: Dr. Antonio de Almeida e Dr. Guilherme Amaral Luz que, cada um ao seu modo, me fizeram refletir sobre o ofício do historiador, sua função social, seu papel ético, bem como saber lidar com os alunos. Dra. Christina Silva R. Lopreato, que topou participar desta defesa e é para mim o maior exemplo de ser humano existente na face da terra, sempre carinhosa e com atitudes simples que dizem muito, a Dra. Jacy Alves de Seixas, por ter apostado em mim e me apresentado à minha orientadora, além de sempre me incentivar com palavras doces e “puxões na orelha”, resumindo, vocês são pessoas ímpares na minha vida e na minha formação.

À professora Dra. Marta Emísia Jacinto Barbosa, o meu muito obrigado por participar da minha formação e desta banca de monografia que para mim significa muito, além é claro das conversas sempre produtivas no corredor e pelos momentos de descontração, isto serve também para a professora Dra. Regina Ilka Vasconcelos, sempre atenciosa e educada.

Aos amigos do Grupo de Estudos História e Literatura: Jaqueline, Cleber, Lohraine e Ivana e aos professores Dr. Daniel Barbosa Andrade Faria e Dr. André Fabiano Voigt que foram seres ímpares na minha formação, principalmente pelas reflexões agudas e profundas no campo da arte literária.

E aos demais professores que, de alguma forma, fizeram e fazem parte da minha formação, como: Dr. Alexandre de Sá Avelar, Dra. Vera Lúcia Puga, Dra. Ana Paula Spini, Dr. Florisvaldo Paulo Ribeiro Júnior, Dra. Kátia Rodrigues Paranhos, Dra. Maria Elizabeth Ribeiro Carneiro e em especial a professora Dra. Maria Clara Tomaz Machado e a Dra. Luciene Lehmkuhl.

Aos amigos da Universidade Federal de Uberlândia, sempre tão presentes na minha vida: Luciana Tavares, Tadeu, Gilmar, Rafael Ribeiro, Landa, Tarcilio, Renata Rezende, Marco Túlio, Mário Junior, Raphael Camargo (Ciências Sociais), Ana, Thiago Santos Silva (Ciências Sociais), Raquel Ribeiro (Educação Física), Lázaro, Maurício, Reinaldo, Laila, Daniel (Letras), Roberto Camargo, Giovanna, Gustavo, Rafael “Girino”.

Aos colegas, também da universidade, Felipe, Letícia, Henrique, Rihã, Roberta, Ligia, Rafael Guarato, Felipe Duarte, Fernanda, Floriana, Carol, Diogo, Gabriel, Meiriluce, Clara Couto, Flávio, Ayrton, Karine Paim, João Batista, Flávia, Felipe

“Palito”, Neander, Michelle (Direito), Júlio (Direito), Fernando (Ciências Sociais), Ricardo Golovaty, Rafael Devechio, Mariana (CDHIS), Ricardo Takayuki (Ciências Sociais), Marcos, Vilmar, Stênio (Enfermagem) Pedro Benedetti, Andre “PV”. Bárbara (Ciências Sociais), Gabriel Bibi (Ciências Sociais), Priscila (Ciências Sociais), Núbia, Hallana (Ciências Sociais), João Evaristo, João (Engenharia Civil), Lara (Ciências Sociais), Alan, Saulo, Bruno, Valdene, Karine (Arquitetura), Afonso (Engenharia Elétrica), Fernanda “Fê”, Paulo César (Engenharia Elétrica), Geraldo “Geraldão”, Cesar “cesão”, Jaqueline Gutemberg, Glauber, Norton, Thiago Destro, Ludiel, Bernardo, Léo, João Batista, Mariana, Felipe “dedão”, Marquin, Léo (Doutorando em Engenharia Mecânica), Lea (Psicóloga DIASE), Fernanda, Talita Rafaela, Fabrícia, Daniel Henrique, Ligia Martinelli, Aline F., Carla Serafim, Fernanda, Matiello, Jonathan, Fernanda Nogueira, Fernanda Paranhos, Arthur (EDUFU), Marco Túlio (EDUFU).

Aos Técnicos: Luciana, Gaspar e em especial João Batista por me aturar, principalmente minhas reclamações e indignações que são “quase” permanentes.

Agradeço também às pessoas que me auxiliaram nos arquivos e laboratórios de pesquisa que venho “visitando”: Patrimônio Municipal de Patos de Minas, a Alex Castro Borges e aos estagiários Luis de Freitas Araújo, Thais Azevedo Alves e Adriene dos Reis Alves. Ao professor Altamir Fernandes, por disponibilizar constantemente seu acervo particular e ao Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão em História (LEPEH) nas pessoas Janáina Pacheco e Adriene Silva.

Resumindo e repetindo, cada um de vocês, a seu modo, são importantes para mim e afirmo que em minha alma e neste ensaio há um lugar especial para cada um de vocês. Obrigado pelas contribuições de variadas formas.

SUMÁRIO

Introdução.....	10
Capítulo 1:	
O bloco contra a ignorância, a indiferença e a inércia dos retrógrados.....	18
Capítulo 2:	
Contra a “aphatia mórbida”.....	38
Considerações Finais e\ou onde tudo recomeça?.....	60
Referências.....	64

Introdução

Este ensaio monográfico visa compreender, historicizar e problematizar a modernização da cidade de Patos de Minas¹ durante o período de 1900 a 1916. Visa ainda discutir noções presentes neste período, como: progresso, bem estar social, civilização, ideais de salubridade e higienização do espaço urbano, como também a noção de tensão social que acarretou, e que é trazidas pelas noções anteriores. Assim, esta última (tensão social) mostra que a representação de Patos de Minas enquanto uma cidade pacífica e ordeira, como aparece nos escritos do memorialista Oliveira Melo², sob o prisma dos benfeitores patenses, podia e deveria ser questionada. Os sujeitos envolvidos durante este contexto se mostram muito além de benfeitores, se mostram seres pensantes que disputavam os cargos e viam a cidade de maneira diferente, isto é, sob pensamentos distintos, e qualquer coisa que escapasse de uma dada ordem e/ou padrão era algo a ser combatido.

Estas visões/pensamentos distintos, ou seja, pertencentes a diferentes sujeitos sociais, mostram a presença de idéias plurais, que às vezes se exprimiam de um modo conflituoso, manifestando-as principalmente em disputas de influências em torno da cidade. Assim também buscamos pensar o espaço urbano social como lócus da pluralidade e da sociabilidade de distintos sujeitos.

Nossa³ preocupação de pensar esta cidade surgiu em meados de 2005 quando ainda não era aluno na Universidade Federal de Uberlândia, e cursava a graduação em História no UNIPAM (Centro Universitário de Patos de Minas). Recém chegado a esta

1 Há um debate acerca deste nome, pois Fonseca assinala que nesta época escolhida para a pesquisa esta cidade possuía o nome de Santana de Patos e/ou Santo Antônio de Patos; Já Mello aponta que Santana de Patos era um distrito pertencente a Santo Antônio de Patos. Contudo desde 1945 a cidade denomina-se Patos de Minas. Ver especialmente em: MELLO, Antonio de Oliveira. *Patos de Minas: Minha Cidade*. Patos de Minas: Editora da Academia Patense de Letras, 1978, p.91 e em: FONSECA, Geraldo. *Dominios de Pecuárias e Enxadachins: história de Patos de Minas*. Belo Horizonte: IngraBrás, 1974p. 9 -252.

2 As análises deste memorialista estão tecidas em variados livros e são aceitas e disseminadas nesta sociedade como uma suposta “história real” da cidade de Patos de Minas, isto, a nosso ver, pode se acolhida como a história oficial desta cidade, já que tem por objetivo claros legitimar e divulgar nomes de famílias tradicionais bem como anular os conflitos sociais nesta cidade. Os livros são: MELLO, Antonio de Oliveira. *100 Anos de comércio em Patos de Minas*. Patos de Minas: Edição do CDL, 1992. MELLO, Antonio de Oliveira. *Patos de Minas: capital do milho*. Patos de Minas: Editora da Academia Patense de Letras, 1971. MELLO, Antonio de Oliveira. *Patos de Minas: minha cidade*. Patos de Minas: Editora da Academia Patense de Letras, 1978. MELLO, Antonio de Oliveira. *Festa do Milho: 25 anos*. Patos de Minas: Edição do Sindicato Rural, 1983. MELLO, Antonio de Oliveira. *Patos de Minas Centenária*. Patos de Minas: Edição da Prefeitura Municipal, 1992.

3 Compreende-se “nossa” aqui como o “eu” e ou “minha”.

cidade, pude perceber as hierarquizações sociais presentes nesta, sobre o signo dos nomes de família e o preconceito contra esferas menos favorecidas desta sociedade. Sendo, ao mesmo tempo, um elemento estranho e um observador desta cidade, pude perceber que esta era (e ainda é!) muito conservadora, e por sinal tive variadas dificuldades para arrumar emprego ou estágio nesta instituição e em outras, uma vez que não tinha a chamada “costa quente” e nem um sobrenome que me credenciasse a algum cargo. Assim também notei que poucas famílias dominam a cena política em cargos do executivo e legislativo patense, percebi isto esmiuçando alguns documentos do Laboratório de Ensino e Pesquisa em História do UNIPAM. Pude notar que há uma espécie de rodízio entre estas famílias ou grupos ligados entre si no espaço do executivo e legislativo municipal. Desse modo, num primeiro momento, queria estudar como se fundara esta dominação e como esta era legitimada nesta cidade. Entretanto, fui alertado, por um professor do UNIPAM, o qual muito estimo, com os seguintes dizeres: “Não mexa com isto, é muito perigoso!” Sendo eu “cabeça dura” que não desiste, somente modifiquei minha estratégia.

Apresentado à professora Josianne Francia Cerasoli pela Professora Jacy Alves de Seixas, começamos a trocar idéias variadas, as quais tinham um ponto comum: como pensar a cidade, neste caso a cidade de Patos de Minas, em sua gama de pluralidade? Discutindo quinzenalmente textos de diversos autores foi se modificando gradativamente a idéia de pensar a cidade e concebê-la. Em 2006, mandei um plano de trabalho para desenvolvimento de uma iniciação científica sobre o tema, agregado ao projeto da professora Josianne Francia Cerasoli cujo título era: Modernidade(s) e cidade(s): saberes, experiências e figurações urbanas. No meu plano de trabalho escolhemos, em conjunto, trabalhar com esta cidade e sua materialidade, isto é, as obras públicas (Matadouro Municipal e a Gestão das Águas). Assim sendo, subsidiada pela FAPEMIG, esta pesquisa se tornou viável e se concretizou gradativamente neste ensaio e em outros que virão. A referida bolsa serviu também para custear as minhas idas à cidade de Patos de Minas, para contato com as fontes; além de ter viabilizado minha permanência em Uberlândia.

Um outro motivo que posso relatar advém de minha experiência, pois minha família continua residindo em Patos. Talvez por termos vivido em Belo Horizonte boa parte da vida, nunca deixamos de comparar a vida no cerrado mineiro à vida na capital, destacando suas singularidades. Depressões, nostalgias, lágrimas incontáveis, angústias e decepções com este município estão bem presentes em nossa morada em

Patos de Minas, uma vez que não somos máquinas que não pensam, não agem e não sentem e sim seres “ativos” na história com sentimentos sutis e ambivalentes.

No trabalho com os arquivos, pude perceber que muitas fontes se perderam no decorrer do tempo, não sei se devido aos maus usos e condições em que se encontravam estes locais, ou se algumas foram realmente “afanadas”. O estado de decomposição de algumas é algo que tem que ser relatado. Apesar de muitos dos funcionários dos arquivos se dedicarem de alma e corpo para que estas fontes não sejam destruídas pela tirania do tempo, as políticas públicas de preservação nesta cidade deixam a desejar. Dentro de pouco tempo as pesquisas poderão tornar-se inviáveis, pois não existirão mais fontes ou, se existirem, serão somente vestígios ou pedaços destas. Isto é algo preocupante e mostra que precisamos urgentemente de políticas de preservação.

Assim, as leituras destes (documentos) são de inteira responsabilidade do historiador, sendo que cabe a ele interpretar e problematizar o documento, este tem um papel fundamental para a construção do conhecimento histórico. Entretanto, não basta somente interpretá-lo, como afirma Bloch: “Pois os textos ou documentos arqueológicos, mesmo os aparentemente mais claros e mais complacentes não falam senão quando sabemos interrogá-los”⁴. Nesse sentido, notamos dois pontos fundamentais no fazer historiográfico sobre a análise do documento: a interpretação e o ato de interrogá-lo⁵. Os documentos não falam por si sós, eis aí a crítica de Bloch contra concepções “positivistas” sobre o documento, uma vez que este “é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de força que aí detinham o poder”⁶. Também considerados “materiais da memória, podem apresentar-se sob duas formas principais: os *monumentos*, herança do passado, e os *documentos*, escolha do historiador”⁷. Assim, notamos que os monumentos são algo ligado a um passado, e estes são transformados em documentos a partir da subjetividade do historiador ao escolher alguns documentos em detrimento a outros, formando assim, a aproximação documento/monumento, já que todos os documentos são monumentos, mas nem todos os monumentos são documentos.

4 BLOCH, Marc. *Apologia da História: Ou Ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 79.

5 Podemos inserir mais uma sugestão, baseada em Thompson: o documento como evidência de algo que foi dito ou não. Vale ressaltar, que a proposta deste autor é fazer duras críticas ao estruturalismo, assim, evidência serve para tentarmos captar os vestígios e acentuarmos a própria relação tecida entre problemática(s) e hipótese(s). Ver em: THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981, p. 48.

6 LE GOFF, Jacques. *Memória e história*. 5. ed. Campinas, Unicamp, 2003, p. 536.

7 *Idem*, *Ibidem*. p. 526. (grifo do autor.)

Dessa maneira, notamos que os documentos são fontes que se constituem em vestígios, nunca dados previamente⁸ e cabe ao historiador cruzá-los, para que se construam análises, problematizando-as.

No período abordado nesta pesquisa (1900-1916), houve uma série de obras em Patos de Minas, tanto de natureza privada quanto pública, que alteraram a cidade: edificação de escolas, ajardinamento de praças, abertura e calçamento de ruas, construção de Igrejas, do Paço Municipal, do cinema, do Matadouro Municipal, do cemitério, implantação do abastecimento de água (denominado por nós de Gestão das Águas) e da rede de energia elétrica, dentre outras, estas obras foram gradativamente efetivadas na cidade em questão, justificando, de certo modo, este período como parte de uma reflexão histórica que se propõem neste ensaio. A julgar pelos registros “deixados pelos documentos do período”, pode-se dizer que estas obras visavam a modernização e o melhoramento urbano, para dar à cidade o “estatuto de moderna”, frente a um passado (presente) não bem visto, e este passado que era presente no início do século XX em Patos de Minas é, talvez, o passado rural.

Os documentos utilizados para esta ponderação são de natureza diversa como: jornais, legislação, atas, predominando nesta análise a imprensa escrita. Contudo, procuramos problematizá-los como fruto de disputas, conflitos e interesses diversos, bem como sua função, não dada *a priori*.

Assim, para que se tornasse possível inserir esta cidade como artefato de reflexão histórica, optou-se por refletir sobre o Matadouro Municipal e a Gestão das Águas. Considerando a materialidade da cidade presente nestas obras de intervenção de caráter público, essa pesquisa não pensa a cidade como um palco de encenação dos sujeitos da história⁹. Isto é, não a pensa como um mero coadjuvante da história ou somente enquanto um pano de fundo, e sim como um local que também possui certa historicidade. Dizemos isto para ao menos tentar mostrar que a própria cidade possui uma história, que caminha junto com as histórias vividas pelos seus moradores, sujeitos sociais de diferentes estratificações. A experiência dos sujeitos

8 Idéias retiradas de: ARÓSTEGUI, Julio. *A pesquisa histórica: teoria e método*. Bauru: Edusc, 2006, p. 94-95.

9 Segundo Carpinteiro e Cerasoli inserir a cidade como história significa pensá-la bem além da sensibilidade urbana (percepção dos sujeitos inseridos), da abordagem cultura (representação do urbano) da apreensão econômica e social (cidade como pano de fundo). Ver em: CARPINTERO, Marisa Varanda Teixeira, CERASOLI, Josianne Francia. *A cidade como história. História, questões e debates*. Curitiba, UFPR, 2009, no prelo.

sociais se torna algo que tenta ser apreendido por esta pesquisa bem como os saberes constituidores para a intervenção efetivada nesta cidade.

Nesse sentido, acredita-se que para analisar a cidade como história, uma das vias possíveis é pesquisar as obras de intervenção pública; sendo, neste caso, a construção do Matadouro Municipal e as Gestões da Água. Acredita-se, assim, que houve entrecruzamentos de diversos saberes constituidores, técnicas de aplicação, bem como sentimentos, dentre outras coisas, que se confluíram no espaço social urbano, seja na forma de intervenção pública ou na maneira de percepção dos sujeitos históricos; o que é demonstrativo da peculiaridade e riqueza do período escolhido para este trabalho, denominado pela historiografia de modernidade. Um espaço onde a pluralidade de idéias estava presente, um grupo pode às vezes até tentar impô-las a outros, contudo esta imposição gera uma tensão social profunda, isto é, conflitos e/ou discussões.

Dizemos isto para diferenciar este trabalho da pesquisa desenvolvida por Roberto Carlos dos Santos. Este autor analisa como as supostas elites patenses forjam instrumentos para disciplinar a sociedade em questão em favor das noções de “moral e bons costumes”; desse modo, ele elege como ponto de apreensão a visão das elites sobre a modernização patense e sobre como essas elites utilizam a intervenção no espaço urbano a seu bem prazer. Contudo, Santos não busca — a nosso ver — explicar ou problematizar as diversas obras de intervenção, colocando tudo como fruto de uma suposta urbanização homogênea, organicista e funcionalista; assim também, coloca uma suposta elite como um “bloco” coeso e coerente. Desta forma, notamos a necessidade de escolhermos duas dessas obras urbanas de melhoramento para aprofundar o debate, visto que cada uma possui um sentido diferente. Isto é, cada uma possui um significado na experiência vivida pelos sujeitos sociais. Outro ponto que pode ser elencado é que referido autor deixa obscura a relação entre os gestores patenses (municipais) os gestores do Estado mineiro. Isto aponta para uma visão errônea sobre os problemas desta cidade, como algo isolado e possuidor de autonomia.

Assim, procuramos mostrar os indícios destas relações essencialmente políticas, além de inserir Patos de Minas em um movimento amplo que não se remete a interesses e estratégias de um grupo supostamente coeso, localizado e isolado. Também tentamos mostrar indícios das tensões sociais existentes no então contexto patense, sendo este outro ponto que distancia esta pesquisa da de Santos.

Nessa perspectiva, a intenção aqui não é desqualificar o trabalho do referido autor, mas estabelecer diferentes visões sobre um mesmo objeto, isto é, a cidade de Patos de Minas.¹⁰ A partir daí, acreditamos ser possível refletir sobre como os sujeitos históricos da cidade de Patos de Minas viam, sentiam e utilizavam o espaço urbano. Ou melhor, como percebiam o “contínuo” processo de transformação da cidade sobre o “legado” da modernidade, fundamentado assim num suposto progresso.

Empregamos a palavra – modernidade – não a destituindo de seu caráter ambíguo e plural, como demonstra Berman:

10 Para exemplificar esta argumentação, vale ressaltar ainda que este autor analisa a urbanização desta cidade enfocando como as elites patenses forjaram aparelhos de controle social para domesticar e vigiar as pessoas, pois nessa dissertação: “[...]busca reconhecer as transformações do espaço urbano e suas implicações com a figuração do ideal de modernidade e como tais alegorias são representadas, segundo a ótica das elites.” Assim: “A pesquisa ora desenvolvida procura reconhecer, diante de uma multiplicidade de valores que traduzem a vida moderna e civilizada, quais e de que forma são instrumentalizados pelas elites, com intuito de controle social e manutenção de privilégios”. Desse modo, procura dar visibilidade à questão dos dispositivos políticos que são usados nas instituições para a manutenção da ordem vigente nos quais o discurso elitista reina em favor do que ele denomina moral e bons costumes como um plano moralizador: “Pretende-se, neste trabalho, tornar visível a existência de múltiplas práticas e dispositivos políticos, científicos, religiosos e pedagógicos, implementados através de instituições responsáveis pela modernização urbana de caráter conservador”. Nota-se que ele traz a questão da ótica das elites sobre a modernização como um aparelho de usufruto desta, não trazendo nem mesmo os debates sobre as obras de melhoramento, uma vez que enfatiza a ótica de um grupo social nessa obra como classes hegemônicas. Mas a(s) “elite(s)” sempre defende(m) os mesmos interesses? Não há negociações em torno das obras? Estas são impostas? Não se escutam as diferentes vozes? Como é a relação dos gestores patenses com os gestores do Estado de Minas Gerais? Esta explicação feita por Santos parece-nos simplificada, já que o processo de modernização é um processo muito mais complexo e não se reduz à explicação organicista de vontade de certos grupos. É importante ressaltar que as obras efetivadas da cidade não se reduzem a um projeto estratégico das elites. Há negociações, há vozes diferentes e às vezes interesses conflituosos que foram nesta pesquisa estudados de uma maneira mais detalhada. Para tanto, é importante entender os debates em torno de cada obra, aqui num caso específico, envolvendo a construção do Matadouro Municipal e a Questão das Águas. Percebemos, assim, que existem várias lacunas na dissertação no que tange à urbanização efetivada nesta cidade, pois o objetivo maior desse autor é dar visibilidade à questão do discurso moralizante em favor da exaltação do trabalho fundindo-o aos mecanismos de dominios e de repressão forjados pelas elites. Para tratar o tema da urbanização e o processo de modernização de qualquer pais cidade ou até mesmo um bairro é necessário tentar desenvolver o fazer-se das obras públicas, em vez de somente cita-las sem debatê-las e sem fazer uma análise profunda, como podemos notar: “Outras obras de impacto em relação à imagem que se deseja ter da cidade podem ser citadas. O Matadouro Municipal (1908), transferido e ampliado por volta de 1915, o cemitério municipal Santa Cruz (1911), o Cine Magalhães (1911) [...]”. Desse modo, temos que problematizar a importância do discurso higiênico e sanitário que envolve estas obras, e também os significados dessas. Assim, tentar entender as obras feitas na cidade de Patos de Minas possui uma importância inestimável, uma vez que se trata de tentar compreender a (re)organização de uma cidade num contexto amplo e inserida num processo que não ocorreu somente num lugar, mais em várias outras localidades como significados diversificados. Percebemos que a urbanização e/ou processo de modernização implica em obras de melhoramento e deve ser tratada de uma maneira mais minuciosa, buscando analisar os debates em torno de cada obra, assim, consideramos que o processo de modernização abarca variadas questões – políticas e econômicas, buscamos enfocar algumas questões relacionadas a: salubridade, higiene, apreensão técnica, interesses sociais (às vezes conflituosos). Sobre a apreensão de Roberto Carlos ver em: SANTOS, Roberto Carlos dos. *Urbanização, Moral e Bons Costumes: Vertigens da Modernidade em Patos de Minas. (1900 – 1960)*. Dissertação (Mestrado em História)-Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002.

Designarei esse conjunto de experiências como ‘modernidade’. Ser moderno é encontrar-se num ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformações das coisas em redor.¹¹

Conforme este autor modernidade e/ou modernização se pauta pela “autotransformação e transformações das coisas em redor”, e esta mutação vem ao encontro deste trabalho, visto que pensamos os sujeitos históricos inseridos em um “determinado” e singular tempo e espaço. Pois cremos que a história, além de ser a “ciência do homem no tempo”¹², é uma ação do homem também no espaço, já que enquanto sujeitos sociais, estes são os responsáveis pela percepção, ou não, das transformações no tempo e no espaço em que se encontram; além de serem os executores destas transformações e os detentores de sentimentos os mais perspicazes e ambivalentes.

Vale ressaltar que esta “experiência” da modernidade, aqui no Brasil, foi levada ao extremo pelos seus sujeitos executores. Cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, por exemplo, sofreram profundas modificações em seus espaços e em suas estratificações sociais, ou seja, na hierarquização social.

Desde o findar do Império brasileiro e com a ascensão da República, oficialmente em 15 de novembro de 1889, este país já vinha sofrendo profundas mudanças em seu âmago, isto é, nas relações entre as camadas sociais inferiores e as detentoras de certa influência no “mundo social” e nas esferas econômica e política. Por isso, podemos alertar também, que estas transformações incidiam nas próprias noções de tempo e de espaço dos sujeitos envolvidos nesta experiência. Nicolau Sevckenko demonstra a singularidade deste período e as mudanças ocorridas no Rio de Janeiro, “essas transformações drásticas do modo de vida ocorreram concentradamente em especial entre a última década do século XIX, e as primeiras do século XX.”¹³

11 BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo, Companhia da Letras, 1997, p.17.

12 BLOCH, *Idem*, p. 55.

13 SEVCENKO, Nicolau. *Introdução: O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso*. NOVAIS, Fernando A. (Coord.) e Sevckenko, Nicolau (Org.). *História da vida privada no Brasil*, v. 3 - República: da Belle Époque à era do rádio, São Paulo, Companhia das letras, 1998, p. 10.

Dessa forma, este ensaio monográfico tem como fio condutor pensar e refletir criticamente sobre a cidade de Patos de Minas inserida neste contexto tão rico e instigante — o das transformações contínuas — da sociedade brasileira, e sua “relação com a modernidade”. Assim, os entrecruzamentos de alguns temas é algo presente no decorrer deste ensaio, que será dividido em dois capítulos. O primeiro denominado: *Bloco contra a ignorância, a indiferença e a inércia dos retrógrados*, e o segundo: *Contra a “aphatia mórbida”*. No primeiro, tentamos explorar as discussões em torno da construção do Matadouro Municipal e seu significado para os sujeitos envolvidos, bem como para a cidade em questão. No segundo capítulo exploramos a construção da Gestão das Águas e sua função. No entanto, o leitor pode estar pensando, qual o motivo da escolha por estas duas obras? Notamos que, por meio destas, podemos captar alguns fios condutores comuns, como a questão da salubridade e da higiene no espaço social urbano, as noções de progresso e civilização, trazidas pela idéia de melhoramento urbano sob a égide da modernização e tensão social presentes em torno destas discussões que acompanhavam a intervenção no espaço social urbano; bem como a noção de bem estar social, para que os sujeitos forjassem uma cidade do presente e do futuro como referência para as cidades vizinhas desta região.

As intervenções públicas por meio destas obras de melhoramento urbano possuem um sentido para os sujeitos envolvidos, e é isto que desejamos mapear e problematizar neste ensaio monográfico.

Capítulo 1: O bloco contra a ignorância, a indiferença e a inércia dos retrógrados

Há muitas pesquisas na área da história que falam sobre cidade, contudo, poucas dizem sobre sua materialidade. Assim, o presente capítulo tem por objetivo fazer uma reflexão acerca do movimento de modernização que ocorreu nas cidades brasileiras no início do século XX, tomando como ponto de apreensão a cidade de Patos de Minas e como objeto propriamente dito, a construção do Matadouro Municipal. Tentaremos também dar visibilidade às tensões sociais que envolviam esta construção, além dos ideais de higiene e salubridade existentes no período. Desse modo, tomamos como corte temporal o período de 1900 a 1916, todavia não ficaremos presos a este; para algumas explicações, se for necessário, haverá uma elasticidade desta delimitação temporal, o que reside na idéia de tentarmos captar o fato de que as diretrizes para esta obra (o Matadouro municipal) já estavam de um modo “presentes” em enunciados anteriores à sua efetivação.

As fontes que serão utilizadas para análise deste tema instigante e ao mesmo tempo complexo são os jornais que circulavam durante o período estudado e código de posturas municipais. Vale ressaltarmos que neste texto privilegiaremos os jornais *O trabalho*, por ser o único existente nesta cidade na primeira década do século XX, e o jornal *A Cidade de Patos*, que tornou-se um jornal dominante pós-década de 1910. Assim, trata-se de dois jornais dominantes nesta cidade, em diferentes períodos; porém, vale assinalar que adentrando na década de dez aparecem variadas publicações na imprensa escrita, sendo na sua maioria com ênfase em literatura.

Max Weber assinala que qualquer ação dos seres humanos em suas relações sociais possui um sentido subjetivo, isto é, há um significado na atuação de um sujeito social perante a sociedade em que vive. Estas ações partem de vontades arraigadas que direcionam suas ações no espaço urbano social, que no caso aqui estudado remete às obras públicas.¹⁴ Poderíamos então afirmar que a edificação do Matadouro Municipal em Patos de Minas era uma vontade que remetia às subjetividades de um grupo de pessoas; no entanto, cremos que esta argumentação não seria possível, uma vez que tal vontade não partiria de todas as pessoas de um

14 WEBER, Max. *Metodologia das ciências sociais*. V.II. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2001, p. 89.

mesmo grupo, e esta construção não foi um fato isolado, já que não ocorreu somente nesta cidade. Então, qual(is) teria(am) sido o(s) real(is) significado(s) desta construção para a cidade de Patos de Minas e para os sujeitos ali envolvidos? Defendemos a hipótese de que o sentido desta construção remete à questão de higiene pública, para salvaguardar a salubridade dos seus moradores no espaço público e certo grau de civilidade. Temos que, de certo modo, notar que a edificação do Matadouro foi uma tentativa de modernizar o espaço urbano para garantir a higienização do mesmo contra as possíveis moléstias que ameaçavam (e ameaçam) o coletivo da cidade. Notemos na citação de um dos periódicos da cidade em 1905:

Dentre os diversos projectos que têm ocupado a atenção de nossa edilidade, nenhum a este sobreleva pela sua improtancia higienica.

Pratica há muito tem aspirada pela população desta cidade, não lograria ella execução, com quando haja sido ha tempo covertida em lei.

A execução dessa lei, porem, não fôra levada, adiante, devido a difficuldades financeiras q' assoberbavam a Camara, e, quiça, devido a alguns a quem ella mais de perto tocava. Hoje, porem, em que se tenta levar mais diante medida de tanta relevancia higienica, não deveremos nos calar e não tão pouco deixar de adduzcir algo que pensamos a respeito.

Queremos acreditar que a camara, que tem em seu seio, si não homens de conhecimento especiaes q'se condigam com semelhante medida, ao menos homens já práticos e conhecedores dos reclamos sociaes e de moços bem intencionados, cujas almas vibra leis só desejam produzir o bem em torno aos adminitrados, terá resolvido, ou por si, ou consultando os competentes na matéria, a prever na lei ora em debate medidas que salvaguardem os principios da hygiene publica.

Nós, porem, como orgam de opinião publica, acreditamos não faltar ao nosso compromisso, concorrendo, com a nossa bóa vontade, adduzindo aquillo que pensamos a respeito para ,ou ser aproveitado ou considerado de nenhuma importância pelos mais competentes¹⁵.

Notamos que em Patos de Minas, antes da materialização do Matadouro Municipal, a legislação já previa obras de saneamento, baseado primordialmente na higiene pública. No trecho destacado, acima, percebemos a importância da intervenção na tessitura urbana social por parte dos gestores bem como os significados inerentes que acompanham estas intervenções, uma vez que este periódico já direciona esta

15 *Matadouro Municipal*, O trabalho, 30 de setembro de 1905, p.1. (A grafia original da época e do jornal foi mantida na transcrição, todas as matérias jornalísticas são retiradas das capas salvo indicação contrária). Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão em História (LEPEH). Todos os periódicos citados adiante são provenientes desse acervo, salvo indicação contrária.

reportagem sob o signo de projetos de “importancia higienica”, e esta importância residia no fato de que muitas cidades vinham passando por dificuldades, devido a variadas pestes e moléstias. O apelo à sensibilidade da câmara municipal faz parte da argumentação feita pelos articulistas para se obter certa coesão em torno da vontade de mudar a cidade, como vinha acontecendo em outras localidades. Nelas havia como pretexto algo baseado e legitimado pela população, relacionado à vontade desta, denominado aqui por meio da expressão “reclamos sociaes”. Desse modo, havia algumas regras a serem seguidas como a questão da higiene, que remete à própria construção do Matadouro Municipal e à salubridade, como algo a ser alcançado em todos os lugares da cidade. Então temos equacionada a questão da higiene, materializada no Matadouro — questão que fazia parte de um projeto maior, que remetia a combater lugares tidos pelos especialistas como insalubres, — daí a salubridade seria entendida como algo amplo para toda a cidade. Vejamos as regras:

Pelo que temos lido, os matadouros devem ser construídos.

Tanto quanto possível isolados dos centros de habitação.

Não muito longe, desses mesmos centros, pois assim prejudicariam o preço da carne, pela dificuldade de transporte, preços da carne, determinado pela dificuldade do transporte

Contruídos de tal maneira e por tal forma que logo se passam remover todas as fezes dos animais mortos e prontamente se proceder a limpeza de todos os detritos deixados.

Ainda mais, que o lugar para o deposito immediato do animal abatido, antes de sua remoção para o local de venda, seja o mais asseiado possível e a coberto de das moscas e outros animais semelhantes.

Como medida correlativa, deve existir a fiscalização do animal a abater-se, e abatido, a maneira porque é feito o transporte e o modo de expol-o a venda.

A uma dessas medidas correlativas a Camara desde já podia prover, e com efeito, authorisando o honrado agente executivo a adquirir uma pequena carroça esta que deveria ser adptavel, pela mudança de caixões, a carregar também cascalho para Mac-adamisação de nossas ruas.

Julgando que a Camara tenha tomado muitas destas medidas, deixamos de proseguir em em outra ordens de considerações, nos reservando a fazel-no proximo numero.¹⁶

16 *Idem.*

Por meio desta longa citação destacamos quatro aspectos importantes, a nosso ver, a respeito desta obra para a cidade. Primeiro, a questão da higiene, como medida específica e gradativa (edificações de obras de saneamento, como o Matadouro); segundo, questão da salubridade, que remetia para a totalidade da cidade em questão; terceiro, uma suposta vontade do povo; e em quarto, a reivindicação do jornal para a realização desta obra, o que, em tese, significava aglutinar forças para mudanças na cidade.

A questão da higiene nos leva a pensar sobre a cidade e os possíveis pontos destituídos de salubridade, isto é, lugares avaliados e considerados insalubres por médicos, arquitetos, dentre outros especialistas. Estes locais são considerados vulneráveis, ou seja, destituídos de elementos mínimos necessários para o bem estar da população. Assim, o abate de animais de forma incontrolada é ilegal e é considerado inseguro, de cujos locais emanam as mais diversas doenças contagiosas¹⁷.

A edificação do Matadouro também serviria para o controle dos restos de animais — detritos que não servem para o consumo —, da mesma maneira que a suposta preocupação com a higiene era uma forma de se ter certo controle, por parte dos órgãos públicos, sobre estes possíveis locais insalubres, *locus* de possíveis contaminações. Como afirma Carpintero, a propósito das propostas para habitações operárias no início do século XX:

[...] imbuídos de um “novo sentimento” com relação à cidade, o olhar atento dos cientistas indicou os locais marcados pela ausência desses elementos positivos, isto é o ar e a água, os locais insalubres, assim denominados pelo saber médico, representam o grande perigo de contaminação para a população da cidade. Os cemitérios matadouros, hospitais e moradia da população pobre foram consideradas locais perigosos, pela falta de elementos necessários à saúde.¹⁸

17 Olhar a instigante contribuição de Carpintero, que tem como ponto de análise a questão da moradia operária na cidade de São Paulo no início do século XX, ela destaca a questão dos saberes especializados sobre a cidade e enfatiza estas intervenções na casa dos operários. Em: CARPINTERO, Marisa Varanda Teixeira. *Imagem do conforto: A casa operária nas primeiras décadas do século XX em São Paulo*. Bresciani, Maria Stella Martins (Org). *Imagens da cidade: séculos XIX e XX*. São Paulo. Anpuh/Marco Zero/Fapesp, 1993, p. 123-143.

18 *Idem*, p. 126.

Já a questão de uma suposta vontade do povo em relação à construção do Matadouro Municipal de Patos de Minas, nos leva (pesquisadores) a questionar: a qual “povo” os jornais estariam se referindo? Sabemos que esse meio de informação, como todos os outros, não é imparcial, representando interesses diversos, mas não de toda a sociedade. Porém, o que levaria o povo a envolver-se em outros interesses? Uma explicação possível sobre a relação desta suposta vontade do “povo” seria o medo, mas medo¹⁹ de quê?

Este medo perpassaria a cidade, seria sintetizado no medo de se contaminarem com doenças (moléstias), mortais ou não, que assolavam o mundo no início do século XX e, como sabemos, as enfermidades não escolhem classe social. Este medo assolava o imaginário — “[que] alimenta o homem e o faz agir”²⁰ — e era um fato importante a ser pensado e analisado por vários técnicos de diferentes áreas, não apenas da saúde, para que se formulassem estudos sobre doenças e, conseqüentemente, que se encontrassem formas de prevenção, evitando que arrasassem cidades inteiras.

Através das matérias dos jornais notamos a inquietação de “todos” com a possibilidade de contaminação, de modo que todos os lugares considerados lugares insalubres (perigosos) deveriam ser inspecionados e interditados pela iniciativa pública. Nessa perspectiva, a imprensa era, de certo modo, o meio de comunicação utilizado para reivindicar melhorias de higiene e salubridade, e também para sugerir medidas, que fossem tomadas o mais rápido possível; reivindicações estas que tinham por base um sentimento, o medo. Era responsabilidade pública, — determinada desde a lei imperial de 1828, a qual tratava das funções da municipalidade e visava que as cidades brasileiras seguissem algumas regras “padronizadas” para manter em ordem a(s) cidade(s), assim como em condições de higiene, como um lugar agradável e habitável, — o que da mesma forma é encontrado na legislação patense:

19 Refiro à palavra medo como algo que advém da paixão triste, Marilena Chauí recorrendo à análise de Spinoza e Montaigne aponta que o medo aliado a algo desconhecido e incerto faz com que os homens tenham atitudes diversas, e isto segundo ela é uma característica das sociedades agonísticas que procuram glória, honra entre as outras coisas, assim glória e honra aqui podem de refletidas como a busca incessante a “cidade ideal” e o medo como o as doenças desconhecidas, ou o presente e o futuro incerto. Ver em: CHAUI, Marilena. Sobre o medo. NOVAIS, Adauto. *Os Sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.35-76.

20 LE GOFF, Jacques. Prefácio da 1ª edição. *O imaginário medieval*. Lisboa: Editora Estampa, s/d, p. 16.

[...] são serviços municipais: A salubridade pública, prescrevendo as regras de higiene aconselhadas pela ciência; O saneamento das povoações²¹.

Desse modo, a materialização da construção do Matadouro Municipal traria uma confluência de saberes acumulados “ininterruptamente” nos séculos anteriores, que reforçam a acumulação de idéias da “ciência”, na busca de uma cidade padronizada sob o prisma da higiene que, de certo modo, é diretamente uma confluência de saberes técnicos, advindos de diversificadas áreas: saberes médicos, de engenharia, arquitetura, dentre outros. A experiência moderna indica isto. As intervenções no espaço social urbano procedem da “percepção derivada da cultura herdada e transformada pela experiência pessoal”²², e estas se materializam, na perspectiva desta pesquisa, nas obras públicas, que foram teoricamente pensadas por variados “especialistas” e técnicos anteriormente até ao próprio século XX.

A construção do Matadouro Municipal deveria seguir algumas regras importantes de higiene, regras essas estabelecidas na tentativa de viabilizar o controle sanitário e, a nosso ver, sobretudo político.

Sabendo da existência de leis referentes a regras de higiene, que deveriam ser seguidas no Matadouro Municipal, os jornais reivindicavam este melhoramento para o agente executivo em favor de um “bom serviço”:

Iremos tractar da sua construcção que não podemos e não devendo, attentar as circunstâncias de nossa municipalidade, ser luxosa e nem tão pouca de proporções avantajadas, deve ser com tudo de modo a consultar a hygiene e ao bom serviço do abatimento.²³

Desse modo, notamos que o Matadouro Municipal não deveria ser apenas uma construção “suntuosa”, mas a prioridade deveria ser a higiene no serviço de abate, de modo a evitar o abate clandestino em condições de higiene tidas como impróprias, possibilitando um maior controle sobre a carne comercializada, a ser consumida pela população:

21 Patrimônio Municipal de Patos de Minas Leis e resoluções da Câmara Municipal. Ouro Preto. Typographia a vapor da gazeta oliveira, 1897. Lei no 17 de 14 de maio de 1895. Parte I Capitulo IV Artigo 22 Incisos 12-13. Esta lei foi vigente até meados de 1930 como mostra alguns indícios pesquisados, que serão, mostrados em outra oportunidade.

22 SCHORSKE, Carl E. *Pensando com a história*. Indagações na passagem para o modernismo, 1998, p. 53.

23 *Matadouro Municipal*, O Trabalho, 20 de outubro de 1905.

Como deixamos assignado, deve este edificio dispor de um compartimento ao lado, o qual deve ser sufficiente arejado, illuminado, e ao mesmo tempo não sujeito a investida de moscas e outros insectos semelhantes, compartimento servira' para deposito da carne a' venda, até o seu transporte para o centro de consumo.

Nessa loja também se guardarão a balança e pesagem dos animais abatidos, pesagem que sera' lançado em livro appropriado, para ella se fazer um estatistica deste commercio e ao mesmo tempo avaliar se do adeantamento desta em nosso meio, aquilatando-se ainda por ella se há ou não necessidade de melhorarem-se as raças, dos animais abatidos.²⁴

Nesta passagem aparece outra questão importante no que diz respeito a uma espécie de controle político²⁵, instrumentalizado pelo referencial técnico, sobre bens e consumos por parte do governo municipal, bem como sobre o comércio de carne, o que nos permite notar a acuidade do Matadouro Municipal para a cidade de Patos de Minas:

Como temos logar em que o matadouro possa ser construido de forma a poder ser tudo concluído, julgamos ser obra meritória apontal-o ao estudo do illustrado agente executivo.²⁶

A construção do Matadouro Municipal nos leva a pensar que a cidade de Patos de Minas foi planejada e pensada, tendo por referência conhecimentos técnicos, isto é, saberes especializados, sob o prisma de um discurso retórico, veementemente, a favor do ponto de vista higiênico ou sanitário que, de certo modo, tinha um tom dominante nas primeiras décadas do século passado e final no século XIX. Esses discursos ganhavam certo grau de força nas intervenções urbanas feitas pelos poderes públicos. Esse ponto de vista figurava, assim, como inquestionável.

Vale ressaltar que o discurso sanitário não se resumia ao campo retórico, pois consistia em desvanecer hábitos e costumes ditos como anti-higiênicos, como mostra esta passagem esclarecedora de Maria Stella Bresciani:

²⁴ *Idem.*

²⁵ Refiro-me a controle político aliado à idéia de dominação ou uma tentativa, por parte do executivo da cidade, de controlar a sociedade patense de todas a maneiras pensadas, indo do corpo da cidade ao costume dos sujeitos. Assim, controlar é exercer um suposto poder como verdade.

²⁶ *Matadouro Municipal, Idem.*

Começamos então por essa relação homem-cidade. Ela tem sido sentida e avaliada de vários pontos de vista e, contudo, para sempre de um ponto comum – a cidade é “produto da arte humana”, simboliza o poder criador do homem, a modificação/transformação do meio ambiente, a imagem de algo artificial, de um artefato enfim. Contudo, é a forma como se compõem sobre a natureza, como aderem ao ambiente físico, que continua a ser matéria de polêmica entre os que, profissionais ou não, se preocupam com a cidade.²⁷

Bresciani demonstra a questão da pluralidade envolvendo a cidade, *locus* privilegiado onde se aglutinam múltiplos “pontos de vista” e projetos distintos, sendo que por meio das ações e intervenções de diferentes sujeitos sociais a cidade se transforma; mas não somente ela, uma vez que com a transformação da cidade, o próprio espaço urbano também se modifica, o que implica na percepção de mudanças dos cidadãos, pois a modificação do espaço urbano remete a uma experiência, a experiência da modernidade. Como afirma Berman: “Ser moderno é encontrar-se num ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformações das coisas em redor.”²⁸

Bresciani nos mostra ainda como o próprio homem modifica as coisas ao seu redor, uma vez que a cidade é um produto de forças diversificadas, que agem para transformá-la em relação ao meio ambiente físico, ou melhor, em relação à natureza. Desse modo, lembramos a metáfora de Karl Marx, quando este difere o trabalho da abelha do trabalho do arquiteto, em que a primeira constrói sua colméia de forma natural, isto é, de modo instintivo e o segundo somente constrói algo que foi antes planejado e que ainda não foi necessariamente materializado²⁹. Sendo assim, concordamos com essa autora, ao afirmar que a cidade é um “produto da arte humana”, é um ato da ação dos sujeitos.

A construção do Matadouro Municipal pode ser pensada como um meio e/ou tentativa de modernizar a cidade, de torná-la uma cidade higiênica, ponto a ser alcançado pelas reformas urbanas e pela própria urbanização, sem excluir a própria noção de “modificação/transformação do meio ambiente”. Engenheiros, médicos,

27 BRESCIANI, Maria Stella Martins. Cidade, cidadania e imaginário. SOUZA, Célia Ferraz de; PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Imagens Urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*, 1997, p. 13-14.

28 BERMAN, Idem, *Ibidem*.

29 Nas palavras de Marx: “Uma aranha executa operações semelhantes a do tecelão, e a abelha supera mais de um arquiteto ao construir sua colméia. Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade. No fim o processo do trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador”. MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. v.1. São Paulo. 1982, p. 202.

arquitetos dentre outros, atuaram efetivamente no “campo governamental”, pois eram também responsáveis por evitar e prevenir possíveis epidemias que desde a primeira metade do século XIX, assolavam principalmente as cidades européias, mas também brasileiras, desde o final do século XIX. Pensando desse modo, notamos que a cidade é um produto das correlações de forças dos diversos sujeitos ali inseridos. É sabido que uma das principais preocupações do poder público durante esse período era a falta de higiene, a qual deveria ser combatida de todas as maneiras possíveis. Assim, a mutação do espaço urbano se torna evidente, como nos esclarece nesta passagem, Myrian Bahia Lopes: “o projeto de higiene é operar uma mutação na temporalidade e no tipo de espaço designado aos cuidados de doenças, as transmissíveis.”³⁰

Bahia Lopes nos alerta sobre a modificação do espaço urbano sob a égide da higiene, que demonstrava certos cuidados para com as doenças. As enfermidades eram consideradas barreiras físicas para a produção, já a questão temporal pode ser pensada como uma aceleração para se alcançar a “cidade ideal”. Não queremos afirmar a existência de etapas lineares inquestionáveis, mas notamos a presença destas, denominadas pela documentação de “atrasos” em relação a outras cidades; sendo que as moléstias se manifestavam na falta de cuidados com a higiene, como indica um periódico de Patos em 1907:

A tristeza, indiferença e desanimo que em algumas pessoas notam, no lutar incessante e necessário pela existência são consequencia da lógica da má saúde (enfermidade e preguiça são problemas de saúde), e esta por sua vez é devido em grande parte a não observância de preceitos higienicos no lar onde muitas famílias vivem internadas, como sentenciados, uma boa parte da via; nessa verdadeira estufa respiram incessante um ar corrompido que lhes intoxica o sangue e lentamente os assassina³¹.

A insuficiência de um padrão mínimo de higiene faz com que permaneçam as doenças, e a própria preguiça é resultado das fraquezas, causas de mortes e de indisposição ao trabalho produtivo. As autoridades patenses sabiam disto, daí argumentarem sobre a necessidade de urbanizar a cidade evitando gastos desnecessários de fundos públicos com os contaminados por moléstias e possíveis perdas de mão-de-obra, para não falar das possíveis epidemias comprometendo a “saúde para o trabalho”.

30 LOPES, Miriam Bahia. Porto, Porta, Poros. BRESCIANI, Maria Stella Martins (Org.). *Imagens da cidade: séculos XIX e XX*. São Paulo. Anpuh/Marco Zero/Fapesp, 1993, p. 61.

31 *Pela Higiene*, O Trabalho, 20 de janeiro de 1907.

Os cidadãos — pelo menos alguns deles, cujos desejos eram manifestados através de suas opiniões nas matérias jornalísticas — almejavam morar em uma cidade agradável onde se projetasse o progresso material. Assim, a higiene era imprescindível para que esse desejo de progresso se tornasse real. Podemos, portanto, afirmar que havia uma suposta euforia dos sujeitos envolvidos com esta cidade, desde agentes executivos até vereadores, pois tudo era “favorável” para que isto ocorresse:

Onde está a perseverança? Desapareceu, como desaparece a aurora logo aos primeiros raios do sol. Querem colher antes do trabalho. Que usque tanden?... até quando havemos de trabalhar nas trevas da ignorância, quando tudo nos é favorável, quando vemos tudo passando em mar de rosas? O nosso governo offerece todas as vantagens e no facilita os meios, e nosso pessoal, a nossa camara pode despender ou formar um capital sufficiente para a applicação dos meios para obtermos um resultado satisfatório para que se possa dizer que o Município de Patos, de facto, é um dos mais adiantados do nosso Estado quer no physico, quer no moral. A hygiene e a instrucção são indispensáveis para o progresso de um povo; formam a base fundamental do bem estar gera³².

Assim, vale a pena asseverar que estes editoriais (jornais) detinham certa influência sobre uma esfera da sociedade, mais especificamente da sociedade culta. Contudo, os editores destes mantinham sempre uma coisa em comum em todas as matérias, que seria uma espécie de intervenção por meio de seus artigos, para “conscientizar”, cobrar interferências por parte das autoridades e emitir opiniões acerca da cidade como um todo. Uma coisa que pode ser pensada e ao mesmo tempo problematizada: estes jornais direcionavam seus artigos a um público específico, a própria utilização do latim e da linguagem culta demonstra este direcionamento, e este pode ser interpretado como sendo endereçado a uma suposta elite (ou elites) tida por “consciente” que vivia nesta cidade.

Remontando ao fragmento do jornal, este aponta, de modo geral, para o fato de que a higiene (e a instrução da população) seria um meio necessário para que o avanço se tornasse palpável à sociedade patense. Sem qualquer um destes requisitos, segundo se enfatizava nesses discursos, era praticamente impossível a efetivação de uma cidade limpa, higienizada, salubre, protegida de doenças ou epidemias; a cidade sonhada, a cidade modelo para a região, ou seja, um *locus* de saúde e bem estar, além de um local

32 F. M. *Pela hygiene e Pela intrucção*, O Trabalho de janeiro de 1907.

de homens “sábios”, homens das letras “responsáveis” pelo combate à “ignorância” de alguns sujeitos:

In qua urbe vivimus? Em uma cidade modelo (é o que diremos com o tempo), foco do progresso, onde se respira um ar incorrupto, gozase de uma saúde perfeita, onde se encontram homens de letras que sabem o que falam e compreendem o que discutem. Então... já não ouviremos dizer desse vislumbre de intrucção, nessa instrucção superficial e leviana que se volta com tanta facilidade como volta-se a folha inconstante da palmeira ao mais teve o sopro da briza... mas será estavel e solida como um rochedo, capaz de supportar os choques mais fortes das ondas do incapellido mar da ignorancia.³³

Assim, durante este período, os jornais e as atas destacam a importância de um planejamento urbano para que a cidade se tornasse um lugar “habitável, higiênico e salubre”. Tanto a legislação patense quanto os jornais destacam esta preocupação que começaria a ser sanada com a edificação do Matadouro Municipal, dentre outras obras que assegurariam estes dois prismas, ou seja, o higiênico e o salubre.

A cidade salubre era percebida como uma necessidade inevitável. Se consumada a edificação do Matadouro Municipal, Patos de Minas, há tanto tempo esquecida no meio do sertão, poderia se tornar uma cidade referência para as cidades vizinhas. Os melhoramentos urbanos eram entendidos como necessários e indispensáveis, quando se compreendia a vida urbana a partir dos preceitos técnicos e científicos da medicina e da engenharia:

O matadouro, a construção do cemitério, (que já fomos commissionados para dar parecer), a canalisação d’água e, breve tempo, são o começo do progresso material desta terra, que vivia há muito esquecida, e que fazem fugir espavoridos a inércia e o indiferentismo³⁴.

A materialização de tais obras demonstra como os sujeitos sociais percebiam a importância destas, o que evidenciava que Patos de Minas não estava sendo esquecida, pois o melhoramento urbano era algo que apontava para um futuro promissor. Futuro este, a nosso ver, assim resumido: “não estamos parados no tempo”. A realização destas obras mostrava o grau de “civilização”, já que desejavam uma cidade organizada e

³³ *Idem*.

³⁴ RODRIGUES, Euphasio José. *O progresso material*, O Trabalho, 1 de março de 1908.

ordeira, o que, na perspectiva das suas elites, seria possibilitado com o desenvolvimento material:

O grau de civilização de um povo depende principalmente de sua organização social; é preciso que a pessoa além de ser religiosa crente em Deus, saiba também ser cidadão da republica, obediente a leis de seu paiz.³⁵

Com a inauguração do Matadouro Municipal no ano de 1908, a preocupação da prefeitura passa a ser outra. A administração do Matadouro Municipal sobrecarrega a prefeitura, deixando a cidade à mercê como um todo, uma vez que a administração municipal parecia não estar preparada para gerir o Matadouro. O que é indicativo das suas “limitações” para gestar a cidade em sua totalidade, considerando que o fiscal ficava o tempo todo por conta do Matadouro Municipal:

O fiscal da Camara ocupa-se quase que exclusivamente com a administração do Matadouro; outros serviços de grande necessidade e que lhe são affectados, soffrem consideravelmente com isso.³⁶

Portanto, no momento em que atenções e preocupações se voltavam para o Matadouro, outras preocupações e encargos da administração pública ficavam de lado. Assim, podemos questionar o que mudou nesta cidade após a inauguração da referida obra. O Matadouro garantiu pelo menos as condições higiênicas mínimas para o abate do animal? Estipulamos então algumas problematizações, a nosso ver esclarecedoras para compreendermos esta obra importante para a cidade de Patos de Minas.

As matérias do ano de 1908 indicam certa euforia com a edificação do Matadouro, mas passados alguns meses os cidadãos começam a manifestar seu descontentamento, não cessando as reivindicações. Enfim, o objetivo da obra não fora alcançado. Vejamos:

O Exm^o Sr. Dr. Presidente da Camara Municipal deste Municipio, quando sancionou a lei criando o Matadouro municipal, teve em vista prestar a população desta cidade um serviço de grande monta, e a sua idéia foi acolhida com applausos geraes.

³⁵ *Idem.*

³⁶ *Ibidem.*

O seu regulamento elaborado com elevada competência, não tem sido, infelizmente, observado, de maneira que a sorte do consumidor em nada melhorou³⁷.

De acordo com a passagem citada, notamos que mesmo com a euforia pós-inauguração do Matadouro Municipal, o abastecimento de carne não se modificou; nada melhorou para os consumidores, sendo que a higiene não chegava aos estabelecimentos — açougues — distribuidores finais da carne. Isto nos mostra que a questão de salubridade urbana ainda não estava resolvida, os responsáveis deveriam intervir, pois algumas regras de abate não eram respeitadas:

A lei estabeleceu o prazo de trez mezes para serem, depois na inauguração do Matadouro, melhorados os açougues onde devia reinar o mais rigoroso asseio de accôrdo com as regras da hygiene moderna; o compartimento para esse fim destinado devia ser bastante arejado, ventilado e desinfectado, tendo bancas completas assejadas para o corte de carne. O animal abatido no Matadouro devia ser conveniente cuidado os intestinos perfeitamente lavados e só podia ser abatido o animal que estivesse gordo e sadio.

Isso não tem acontecido, porem, os açougues, em geral, continuam na mesma, em imundos sem ar, sem luz e sem o mínimo de asseio e onde são desconhecidos suas mais rudimentares regras de hygiene.³⁸

A falta de higiene continua a ser a maior preocupação de todos. Pouco parece ter mudado. As melhorias anunciadas continuavam sendo reivindicadas. Do que valia despender gastos públicos sem que nada mude para a vida dos cidadãos? Esta passagem citada anteriormente é esclarecedora, no sentido de mostrar que as condições insalubres continuavam sendo a maior preocupação, e o medo de infecção continuava sendo o maior temor, já que eram lugares considerados perigosos e focos de contaminação de diferentes males daquela época. Nesse sentido, o medo era algo presente e este temor era notado e/ou acentuado em variadas matérias jornalísticas. Vejamos: “Ai de nós, se nos bate a porta qualquer moléstia contagiosa, com esses focos de infecção!”³⁹

Os abusos dos açougueiros, como destacam os jornais, também precisavam ser combatidos, devido aos descomedimentos e à ausência de uma padronização dos preços e pesos das carnes, além de sua “procedência” questionável, segundo os periódicos:

³⁷ *Matadouro Municipal*, O Trabalho, 8 de novembro de 1908.

³⁸ *Idem*.

³⁹ *Idem*.

As rezes abatidas são na maioria extremamente magras e péssima a carne entregue ao consumo.

A Camara devia regularisar os preços e pesos dos açougueiros, uns vendem 500 reis o kilo, outros vendem 666 reis e outros ainda fazem aos consumidores 200 grammas em um kilo de carne!

De modo, que a Camara municipal dispendeu não pequena quantia para um melhoramento que não se verificou, tornando-se de urgente necessidade que o Sr. Vice Presidente e Agente executivo em exercício faça executar a lei a bem da saude publica.⁴⁰

As carnes continuavam sendo de qualidade duvidosas, ou mesmo “péssima”. A falta de uma padronização abre margem para que os açougueiros atentem em enganar os consumidores com sua astúcia. A questão de saúde pública continua sendo a prioridade e isto é cobrado ao vice-presidente e ao Agente Executivo, pois nada se modificou,

A natureza tão sabia e previdente nos dotou com tanto e preciosos recursos; resta-nos estudal-a e com a summa dos conhecimentos obtidos prodigalizar ao povo o bem estar e saúde⁴¹.

Este fragmento é muito esclarecedor no que concerne a estudos para que a cidade seja um lugar agradável, onde prevaleça o bem estar. Assim, a questão dos estudos que visavam um suposto bem estar é notado, aglutinando com avanços técnicos, materializada em construções, para que esta cidade se tornasse um local habitável e agradável.

Década de 1910. As empolgações sobre os melhoramentos urbanos continuam, isto alimentava e aguçava a percepção dos sujeitos sociais que reivindicavam, cada vez mais, uma atualização urbana, e também voltavam seus pensamentos para coisas que, anteriormente, não consideravam importantes ou nem desejavam. Assim, quanto mais se modificava o espaço urbano social, mais as exigências mudavam; porém, os descontentamentos e problemas também, principalmente no que concerne às emanções de focos de doenças.

40 *Idem*.

41 *Pela Hygiene, O Trabalho*, janeiro de 1907.

O progresso material é algo tido como ‘real’ e as imagens do ‘progresso’ são nítidas, uma vez que: [...] formando uma robusta coleção de provas positivas para mostrar que não é um *mytho* o progresso de Patos.⁴²

Quanto mais a cidade se modernizava mais as tensões sociais se tornavam nítidas e presentes nas páginas dos jornais patenses onde, possivelmente, os críticos questionavam esse progresso. Infelizmente não tivemos acesso a essas possíveis fontes da década de 1910 — e de anos anteriores — que questionavam este avanço, acreditamos que foram “apagadas pelo tempo”. No entanto, as respostas a essas críticas estão presentes, como notamos nesta passagem:

Não é fictico o desenvolvimento moral e material de Patos, e nem tao pouco é a cousa decantada com exaltação a titulo de *chaleirismo* ridiculo; é uma realidade incostestavel que perpassa animadora e que só os myopes podem obscurecel-a.⁴³

Aqui notamos que o “desenvolvimento” é algo “verdadeiro”, e o que demonstra isto é o estabelecimento de uma relação entre a própria materialidade da cidade e o avanço moral dos cidadãos. O elemento estranho que perpassa esta afirmação é o que nos chama a atenção, uma vez que parecia haver uma disputa contestando esse “progresso”. As tensões, às vezes, não aparecem de forma clara, mas cremos que este fragmento antes citado, demonstra uma possível disputa sobre a cidade e isto é uma evidência que não podemos descartar.

A cidade moderna era o objetivo a ser alcançado (isto perpassa nas edificações em toda a cidade), assim uma modificação profunda era necessária:

Temos ante á vista, uma completa que transformou, de um dia para outro, uma cidade *sertaneja em uma bella urbs*, confortável e moderna, com seu conjuncto agradável de edificações elegantes.⁴⁴

Este fragmento é indicativo da transformação de Patos de Minas, visto que a “cidade sertaneja” sofre uma mutação profunda, e cada vez mais vem se transformando

42 AMARAL, Heráclito. *O progredir de Patos*, Cidade de Patos, 18 de abril de 1915.

43 *Idem*.

44 *Idem*. (grifo nosso)

em uma cidade moderna, apesar de já acreditarem viver esta modernidade, notada, segundo os articulistas, no espaço da “urbs”.

A tensão social era latente no cotidiano de Patos de Minas, uma vez que as supostas críticas sobre a cidade e a administração municipal eram constantes, sendo a “ignorância” e a “indiferença” algo a ser combatido. De certo modo isto mostra que nem todos os sujeitos sociais viam com bons olhos e com euforia as mudanças ocorridas, e esses “maus olhos” remetiam a possíveis pessoas que “não” amavam esta cidade e/ou pensavam de forma diferente, já que podiam ter, talvez, reivindicações diferentes:

Verdade é, que só mesmo, com pertinacia de que sabe querer, com o concurso de todos aqueles que amam a terra e o reconhecimento dos que lhe são hospedes, pode-se chegar a este resultado; formando-se bloco contra a ignorancia, a indiferença e a inércia dos retrogradados que possam existir.

Assim hoje podemos dizer sem sermos acoimados de optimistas – Patos civilisa-se.⁴⁵

Este trecho nos possibilita conjecturar sobre disputas e tensões na cidade em relação à prioridade dada aos melhoramentos urbanos. Isto indica que a(s) elite(s) não pensava(m) da mesma maneira, que não havia uma coesão; já que as opiniões de uma mesma estratificação social não são, necessariamente, homogêneas⁴⁶. De certo modo, isto nos leva a pensar a pluralidade de idéias em torno da cidade, uma vez que a cidade é produto de diversas forças, logo também, é um *locus* privilegiado de disputas devido aos diferentes interesses.

No entanto, remontando ao problema da higiene do Matadouro Municipal, questionamos: o que mudou nesta década? Este problema teria se estendido por mais tempo? As respostas para ambas perguntas são positivas. Ou seja, sim, uma vez que os problemas de higiene e salubridade se estenderam por esta década causando inúmeras críticas à administração municipal:

A razão que allegam os Snrs. Comerciantes de toucinho e cortadores para deixar os porcos nos curraes annexos á casa de sua residência, é que as

⁴⁵ *Pela limpeza da cidade*, Cidade de Patos, 6 de junho de 1915.

⁴⁶ Thompson afirma que para entendermos as “origens” do partido trabalhista inglês temos que também notar a participação do partido liberal e conservador e sua atuação na Inglaterra. Dessa forma, não podemos generalizar que nem trabalhadores ou uma suposta elite pensam da mesma maneira. THOMPSON, E. P. *Historia vista de baixo*. _____. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas/SP: Ed. Da Unicamp, 2001, p.200.

commodidades do Matadouro não se prestam á permanencia desses animais durante muitos dias consecutivos.⁴⁷

Em mais uma passagem notamos que o Matadouro continuava não funcionando como proposto. Cada vez mais os suínos eram criados e abatidos nas próprias residências dos comerciantes de carnes, lugares impróprios que poderiam levar à proliferação de moléstias. Aumentavam também, por sua vez, as denúncias às autoridades destes lugares tidos como insalubres, já que este hábito/costume de abater animais em casa ia contra os interesses de alguns grupos:

A fronteira entre o público e o privado, construir um mundo novo, remodelar o cotidiano através de uma nova organização do espaço, do tempo e da memória. Mas esse projeto grandioso fracassou diante da resistência das pessoas. Os “costumes” se mostraram mais fortes do que a lei.⁴⁸

O costume se mostra mais fortes de que lei, alerta Michelle Perrot. Mas certos costumes seriam tidos como grandes empecilhos para os governantes patenses? Parece-nos que sim. As preocupações eram tão presentes nestes periódicos, no sentido de que se modificassem estas posturas, tidas como anti-higiênicas e insalubres, que notamos que alguns costumes eram enraizados nesta sociedade. Isto quer dizer que, com o costume de abater gado e suínos nos fundos de casa, comum em dadas sociedades, consubstanciava-se num impedimento contra um suposto progredir da cidade. E assim, vemos a legislação atuar como forma de pelo menos tentar controlar os sujeitos sociais, controlar atitudes e ações não aceitas, pois o progresso supõe uma nova postura por parte dos cidadãos, novos hábitos salubres e higiênicos. Este costume é algo enraizado e está presente no contexto social de Patos de Minas, já que podemos notar constantes apelações para que se mudassem hábitos não aceitos e práticas cotidianas. Isto gerava, de maneira decisiva, tensões sociais similares àquelas denominadas por E. P. Thompson de conflitos. “O costume é um campo de mudança e a disputa, uma arena, na qual interesses opostos se apresentam conflitantes”⁴⁹.

47 OLIVIERY, José de Castro. *Pela limpeza da cidade*, Cidade de Patos, 2 de maio de 1915.

48 PERROT, Michelle. A família triunfante. In.: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. *História da vida privada*. v.4. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 93.

49 THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das letras, 1998, p19.

Desse modo podemos notar que, mesmo com um esforço governamental em forma de dispositivos municipais — leis, principalmente, além de obras públicas volumosas — o sujeito social escapa pelas brechas de um suposto funcionamento efetivado da cidade; na visão dos governantes, a lei pode ser uma forma de controle social, contudo, esta “lei tolera limites aceitáveis”⁵⁰. Por outro lado, esta lei adentra nas relações cotidianas, controlando para que se mudem posturas que fogem de certos padrões, aceitos, projetados. Assim, percebemos que as inovações feitas no espaço urbano são constantemente ameaçadas pelos costumes, presentes no cotidiano das pessoas mais simples. Notemos então um costume ameaçador e a tentativa de se fundar hábitos higiênicos:

De algum tempo a esta parte, tem-se registrado todos os annos 8,10,12 e mais casos, sobrevindo ao mesmo tempo, uma verdadeira epidemia de febre Paratyphaica, que tem ceifados vidas preciosas e teazindo em sobresalto a nossa população. Este anno, felizmente, não registramos ainda desses casos mas por isso mesmo devemos nos prevenir contra a terrível enfeccão evitando, em nossos quintaes, o accumulo de lama, esterco e toda a sorte de imundices, favoráveis ao desenvolvimento do bacillo causador da moléstia, de onde vem se por em contacto com o homem pelos objetos sujos, alimentados e contaminados, água enfectada ou pelas moscas que depois de pousarem nesses lugares imundos, freqüentam com tanta assiduidade as nossas mesas de jantar.⁵¹

Esta passagem manifesta o descontentamento com os quintais, tidos como perigosos; e assevera que muitas vidas foram ceifadas por falta de higiene, já que são lugares de contaminação e infecções. A preocupação com a cidade, portanto, evidencia que as condições de higiene não se modificaram nesta década de 1910.

Desse modo, notamos que as possíveis epidemias eram apalavradas como “reais”. A partir disto, deveria se manifestar prudência para prevenir estas moléstias. Toda crítica em torno da falta de higiene, de certo modo, vinha acompanhada com “sugestões” para evitarem contaminação, e reivindicações para que fossem tomadas medidas o mais rápido possível, uma vez que o Matadouro não possuía condições salubres, “acomodações” adequadas para o abatimento, prevalecendo o que ia contra a legislação patense, pois:

50 *Idem, Ibidem.*

51 *Pela limpeza da cidade*, Cidade de Patos, 6 de junho de 1915.

Dizem uns que o matadouro não tem accomodações, outros que nada tem a abater, espíritos lasarados, constroem chiqueiros, só pelo prazer de pestear a cidade.

A hygiene da cidade está ameaçada, e gravemente ameaçada, ainda persiste na memoria de todos porque é de hontem, os casos de febre e máo character, que fizeram innumeras victimas, e quando a robustez do enfermo triumpharva da moléstia o doente tinha de guardar leito, pelo menos dous mezes. A obra de saneamento, que tanto trabalho, tempo e dinheiro consumiu, lá se vae pelos ares, se continuar a tolerância e a indulgencia de parte daquelles que sao encarregados de conserva-la.⁵²

Desse modo, notamos que apesar deste melhoramento existiam muitas coisas que precisavam ser modificadas neste período. Mesmo com tantos gastos, regras e leis, o medo ainda prevalecia no imaginário dos sujeitos; uma vez que, mesmo com os gastos, “tudo se vai para os ares” devido à falta de hygiene dos próprios cidadãos: costume “inaceitável” prevalecendo sobre os ideais do progresso? Seriam tais ideais singulares entre os periódicos e administradores patenses? Que ligações teriam com projetos mais amplos, em termos territoriais? Como seriam as relações dos prefeitos de Patos de Minas com os presidentes de província, por exemplo, e as demandas administrativas que deles advinham?

Patos sem o teu incentivo (Estado de Minas Gerais) conseguiu entrar sobranceira no limiar da prosperidade; mas, agora, com mais vehemencia reclama, reclama, [...], *para o nosso desdobramento material*.⁵³

Contudo, mesmo exaltando esse incentivo por parte de Estado mineiro, reunimos outras fontes que indicam o contrário a isto e um indício de um suposto conflito presente, que será explorado mais detalhadamente no próximo capítulo, aliando a uma argumentação sobre os possíveis costumes anti-higiênicos dos cidadãos, vivenciados no espaço urbano patense, e isto como gerador de conflito, ou melhor, tensão.

52 *Chiqueiros de porcos dentro da cidade*, Cidade de Patos, 30 de julho de 1916.

53 AMARAL, *Heráclito, Patos no limiar do progresso*, Cidade de Patos. 15 de agosto de 1915.(grifo nosso).

Capítulo 2: Contra a “aphatia mórbida”

Este capítulo pretende trazer uma reflexão acerca dos desdobramentos do que chamamos gestão das águas e o(s) possível(is) significado(s) desta para a cidade de Patos de Minas, durante este período estudado, buscando mapear as discussões envolvidas e as tensões sociais causadas pelo germe progressista, tão presente nesta cidade. Sendo assim, para pensarmos sobre a importância desta obra para a cidade, temos que tomá-la como uma tentativa de modernizar o espaço em questão, para que assim se apagasse uma possível herança rural, tão presente nas primeiras décadas do século XX. Só assim seria possível prevalecer neste espaço o sonho de uma “*urbs moderna*” — moderna e atualizada — na medida em que se defronta com um passado próximo onde predomina o feitiço rural, o qual pode ser considerado um passado não tão aceito.

Assim, esta “atualização” serviria, de certo modo, para que esta cidade adentrasse numa espécie de progresso *continuum*, que se passava (ou se projetava) em variadas cidades do estado de Minas Gerais e do país. Percebemos a grande importância desta obra para os sujeitos envolvidos, diante do destaque conferido no período a esses melhoramentos urbanos. Vejamos o que observa um periódico patense sobre o assunto: “de todas as deliberações tomadas, nenhuma de tanta relevância como a que condiz com a canalização da água”⁵⁴ Nesta passagem notamos a proeminência dada por este periódico à canalização de água potável. Contudo, o que podemos problematizar e questionar? Qual o motivo da relevância desta obra? Ou seria: quais motivos geraram esta iniciativa? Qual o significado plural desta obra para a cidade? Houve dificuldades? Quais?

Tanto a questão do Matadouro Municipal quanto a discussão sobre a gestão das águas, a nosso ver, podem ser pensadas como meios que definiriam a formatação da cidade moderna e sua relação com um suposto futuro promissor. A construção destas, mostra de certo modo a aceitação da “racionalidade da técnica” por parte das administrações públicas patenses. Vistas sob este prisma, as obras públicas são fatores quase determinantes para a cidade, já que anunciam uma nova tecedura urbana. Vale ressaltar que estas profundas modificações do espaço social urbano, que são

⁵⁴ *Abastecimento d' água*, O Trabalho, 9 de outubro de 1905.

conseqüências do processo de urbanização, viriam aliadas a uma (re)educação por parte dos cidadãos nos princípios da higiene e da salubridade.

Desse modo, a indicação de uma correção urbana incidia na postura dos cidadãos em seu cotidiano, e esta correção do espaço social, pode ser considerada um ajustamento; não somente da cidade, mas também de seus habitantes, no sentido de evitar a tão apavorante falta de salubridade e higiene. Este temor alerta para uma nova postura intervencionista por parte da administração municipal, que conflui em variadas realizações para redesenhar o espaço social. Supomos tratar-se da questão da pacificação do espaço social, isto é, existia uma necessidade de intensas modificações nos hábitos e costumes dos cidadãos. Isto recaía em cheio na fundação e fundamentação de uma nova postura comportamental, sob o prisma da higiene e da salubridade, que iria mostrar a questão da civilidade. A união destes três itens e suas aceitações mostra o que é permitido, isto é, o que é lícito, aceitável e desejável.

Quando há questionamentos a esse respeito, ou ainda imposições de posturas-padrão, é notório que as tensões entre diferentes grupos sociais afloram e fervilham em conflitos, que colocam em xeque a questão de um espaço social homogêneo. Além disso, um suposto equilíbrio (social) pode ser questionado. Isso nos leva a aceitar a concepção de que a cidade (por meio de seus gestores) e cidadãos, possui posturas plurais e ambíguas, confluindo assim, em tensos conflitos sobre o espaço da cidade, e no caso de Patos de Minas isto não é diferente.

Se alargarmos o corte temporal desta pesquisa notaremos que já no findar do século XIX, preocupações com uma cidade higiênica e destituída de diversos males, já povoavam as cabeças de governantes e cidadãos. No caso específico de Minas Gerais, isto é demonstrado principalmente nos relatórios de fiscais ao presidente da província, na assembleia mineira. Estes relatórios ou discursos, desde 1873, são divididos em variadas partes, das quais uma, especificamente, remete à questão da saúde.⁵⁵

Tentando captar estas iniciativas diversas relativas à cidade de Patos de Minas, notamos a prevalência destas preocupações. Uma vez materializando esta obra relevante para a cidade, os possíveis males causadores de doenças iam se extinguir; assim, existe

⁵⁵ Desde que começou a relatar a questão da salubridade e da higiene do espaço na década de 80 do século XIX, este não parou até 1930. Este item era tido como importante e indispensável por parte dos presidentes de províncias. Ver: *Relatório que a Assembléa Legislativa Provincial de Minas Geraes apresentou na sessão ordinaria ao presidente da província em 1872*. Disponível em: www.crl.edu/content/brazil/mina.htm. Acesso em 30-07-2008. Apesar da riqueza da documentação preferimos trabalhar neste momento, com documentos locais que remetiam diretamente a cidade de Patos de Minas.

uma preocupação com os pontos destituídos de salubridade, o que precisava ser combatido de todas as formas.

Nesse intuito, por iniciativa de um vereador patense, formulou-se em meados de 1905 uma lei que pretendia, num primeiro momento, despende uma quantia necessária para se estudar e formular um planejamento referente ao abastecimento de água potável para a cidade. Contudo, o que também nos chamou a atenção foi a tensão criada em torno desta lei, visto que a Comissão de Finanças Municipal não autorizava ou concordava com esta lei, alegando a falta de verbas para este empreendimento, pois ainda naquele momento não havia um apoio formalizado por parte do governo do Estado mineiro, no sentido de suprir prováveis *déficits*. Como notamos neste fragmento:

Medida apresentada pelo digno vereador Capm. Eduardo Noronha, primeiramente como Lei, na qual se estatua dispendio até 3.000:000, para o auxilio aos estudos da canalisação d'agua, em vista da reluctancia da commissaõ de finanças em dar parecer favoravel a semelhante medida o mesmo digno vereador retirou-a e substituiu-a por uma representaçãõ collectiva, na qual assignaram todos os vereadores presentes, inclusive o digno agente executivo, representaçãõ em que pediram ao governo do Estado mandar proceder aos estudos e orçamento para o abastecimento d'agua desta cidade.⁵⁶

Com um possível receio de retaliações e/ou represálias por parte do governo estadual, o vereador Noronha retirou esta lei, substituindo-a por uma espécie de abaixo-assinado, isto é, uma representação⁵⁷ a ser enviada para o governador do Estado mineiro. Esta representação tinha como intuito pedir as verbas necessárias para que se iniciassem os estudos e a estimativa que seria despendida para esta obra. Esta ação rendeu aos vereadores envolvidos uma série de elogios, advindos do único periódico nesta cidade durante o período:

Diante de uma medida de tanta magnitude, não nos deveriamos calar, pois é desejo nosso de ha muito tempo, e nos sentimos como obrigados, não só trazer o concurso de nossa solidariedade a medida de tal monta, como

⁵⁶ *Abastecimento d' água*, O Trabalho, 9 de outubro de 1905.

⁵⁷ Apesar de algumas tentativas de procurar esta representação no Patrimônio Público de Patos de Minas e no Arquivo Público Mineiro (Belo Horizonte) não obtivemos sucesso.

também louvar a todos os vereadores pela grande prova de bem servir aos seus administrados ora manifestada na representação.⁵⁸

Deste modo, podemos esquadrihar que esta iniciativa foi tida como nobre. No entanto, a incerteza da iniciativa desta obra não estava mais em mãos dos gestores públicos patenses, já que esta responsabilidade tinha sido passada para frente. A sorte estava lançada, pois cabia ao governador decidir sobre a importância desta obra, bem como se iria autorizar pelo menos os estudos direcionados ao encaminhamento da mesma. Esta atitude pode ser interpretada de duas maneiras que não se excluem: deslocação da responsabilidade do município para o estado; e também como algo que não era tido como muito importante, não sendo considerada uma obra prioritária. Portanto, não havia mais nada a se fazer naquele momento.

Do governo do Estado, resta-nos esperar, que elle que ora se tem revelado um dedicadíssimo gestor das necessidades publicas, não se desourara' dessa grande região sertaneja, onde um punhado de desbravejadores das regiões das selvas lhe estende os braços, pedindo melhorar-lhes as suas condições hygienicas.⁵⁹

Sendo assim, o receio de ser esquecido pelo gestor é evidenciado nesta passagem, que aglutina um elogio ao administrador mineiro e sua afeição para com as coisas públicas, e com as necessidades do povo patense. No entanto, percebemos que a argumentação continua a se fazer em torno do melhoramento dos equipamentos urbanos, materializados em equipamentos coletivos. Isto é, uma revitalização do espaço urbano sob o prisma da higiene que, a nosso ver, vem acompanhado pelo asseio, limpeza e bem estar da sociedade patense; bem como vem acompanhado de uma necessidade de (re)educação de seus cidadãos. A postura em relação à vida na cidade se torna cada vez mais importante e, sendo assim, existe uma suposta necessidade de novos equipamentos coletivos, baseada nas regras ditas anteriormente. Desse modo, sendo permitidos estes estudos, haveria a necessidade de contratar profissionais, como os engenheiros, que detinham um papel fundamental em relação à urbanização e sua proficua relação com a salubridade e higienização do espaço urbano.

⁵⁸ *idem.*

⁵⁹ *idem.*

De facto, uma vez realizados os estudos necessários, feitos por profissional habilitado, levado por diante os trabalhos para o abastecimento teremos dado um passo bem assinalado para o nosso desenvolvimento material e para a melhoria das condições hygienicas de nossa cidade.⁶⁰

A argumentação e o desejo essencial de uma cidade higiênica, prevalecia. A água limpa, cristalina e canalizada evitaria e erradicaria doenças epidêmicas que assolavam o sertão mineiro, não fazendo acepção de pessoas; ou seja, não diferenciando por idade, sexo ou classe social, todos eram alvos potenciais. O medo imperava no imaginário dos habitantes das primeiras décadas do século XX. Tempos de incertezas, de indefinição das origens das enfermidades, um campo de saber único que explicaria a fundamentação da urbanização. Como nos alerta Maria Stella Bresciani:

O acúmulo de avaliações complexas e contraditórias inicialmente realizadas por filósofos, filantropos, médicos, logo depois, por engenheiros sanitários, historiadores, sociólogos e urbanistas compõem o campo de estudo sobre as condições de vida dos núcleos urbanos. Pode-se dizer que, se durante o século XVIII, nas teorias sobre as cidades prevalecia a dimensão projetiva e idealizada, no século XIX, as cidades, em especial as grandes capitais européias e os nascentes núcleos industriais, oferecem material abundante para observações e avaliações dos efeitos materiais e intelectuais do crescimento urbano nas populações. É sobre essa base, constituída pelos estudos desenvolvidos na primeira metade do século passado, que intelectuais — acadêmicos e homens de governo — elaboram propostas de intervenção, escolhidas e executadas pela iniciativa privada e pelos poderes públicos.⁶¹

Neste fragmento instigante, a autora nos alerta sobre como foi possível a concretização de muitas obras públicas. Se antes a cidade poderia ser pensada como algo projetivo e idealizado, no início do século XX (pelo menos no caso de Patos de Minas), notamos a necessidade não somente de construções idealizadas em escala projetiva, mas que seguissem regras de higiene e salubridade. A idéia era forjar uma cidade preocupada com o bem estar social e a civilidade dos agentes e cidadãos, seus moradores. Assim, Bresciani mostra uma diferença singular sobre o modo de considerar a cidade e as maneiras de tomá-la como objeto de reflexão científica, nas mais diversas

⁶⁰ *Idem.*

⁶¹ BRESCIANI, Maria Stella Martins. *História e historiografia das cidades, um percurso*. FREITAS, Marcos Cezar de (Org). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998, p. 242.

áreas. Assim também a intervenção se materializa no espaço urbano social através, principalmente, das obras públicas.

Outro ponto importante apontado por Bresciani é o que ela denomina de “acúmulo de avaliações complexas”. Isto, a nosso ver, é a chave de muitas possíveis explicações da relação cidade e sua materialidade. Isto é, as obras públicas concretizadas seguiam uma suposta lógica de intervenção, principalmente da higiene e da salubridade, foco este a ser alcançado pelas intervenções. Nos periódicos desta cidade, notamos muitas vezes a tentativa de legitimar as intervenções promovidas pela prefeitura, por meio de saberes acumulados. Ou seja, saberes técnicos, racionalizados, por grande parte de pensadores de diversificadas áreas das ciências, cujas normas a serem seguidas por operações no espaço urbano da cidade, deviam servir seja para prevenir males, seja para combatê-los.

Assim, notamos que mesmo um grupo que tenha certa influência numa determinada cidade, bem como vontades subjetivas, quando se trata de questões de salubridade e higiene do espaço, não faz nada além daquilo que é feito em qualquer outra cidade. Contudo, cada região tem suas necessidades e peculiaridades próprias, e em Patos de Minas isto não era diferente. Nesse sentido, podemos argumentar que a própria documentação mostrava de maneira incisiva a necessidade, no caso, de “apagar” a herança rural que imperava, nestas primeiras décadas na cidade.

A questão das águas adentra nessa espécie de “necessidade urgente”, uma vez que, domesticando-a, isto é, canalizando-a, se evitariam doenças e grandes epidemias, tão presentes na história brasileira durante os séculos XIX e XX; doenças estas que causavam inquietações em todas as classe sociais. Vejamos então um fragmento:

Segundo dizem tratadistas da matéria, sendo um dos principais factores da hygiene a água, ella si pura, corrente, arejada, esbatida, concorre para a eliminação ascendente das epidemias; si ruim, empossadas, ser ar e luz, tal como as de nossas cisternas, e' um factor de múltiplas enfermidades que se vão pouco a pouco surgindo, sem se lhes poder asseguradamente predizer a origem.

(E)

E, ainda como facctor endêmico, temos a registrar que, cidades de há muitos prezas de epidemias devastadoras, tiveram, depois do abastecimento de pura

e excelente água, imediatamente decrescidos os factores de sua mortalidade.⁶²

Sendo assim, consubstanciada e materializada, a Gestão das Águas iria incidir na diminuição das enfermidades até seu presumível desaparecimento. De certo modo era como um desejo e ao mesmo tempo uma preocupação de erradicação das enfermidades advindas da falta de salubridade. Os pontos considerados insalubres deveriam ser combatidos de todas as formas. Em cidades onde a água já havia sido canalizada, o ajuste higiênico contribuiria para a diminuição e o findar das doenças, e isto somente seria possível se as obras fossem realizadas sob a égide da higiene. Cabia então aos gestores concretizar esta obra de saneamento urbano, pois:

Entre nos mesmos, e conhecimento próprio, temos a apontar o logar de onde somos natural, onde anteriormente a canalisação d'água irrompia devastadoramente a febre de character typhoide e que, após o abastecimento viu-se ella desaparecer do seio de sua população.⁶³

O intuito era concretizar esta obra, uma vez que era tida como necessária para o fim do medo provocado pela preocupação com doenças advindas da falta de higiene. Podemos destacar a associação negativa: falta de canalização — insalubridade — moléstias. Assim, os cidadãos e os gestores acreditavam que as doenças só seriam erradicadas se a água fosse canalizada; apartando o medo destas “dejeções” e “germes”, causadores de moléstias indevidas, que contaminavam os cidadãos, o que se manifestava neste artigo de Julio Floro como uma inquietação do autor:

Entres nos o abastecimento trara' ainda outra vantagem, pois o ribeirinho que atravessa a cidade, ramificando-se em diversas direções, e' elle o escoadouro natural dos detricos as cosinhas, das dejeções dos animais, armazenamento próprio de microorganismo que, fermentados pela nossa canícula ardente, pode, em dado momento, ser o factor de epidemia assoladora ou invadir organismos menos resistentes, apropriados, por consequencia, as suas invasões, produzindo-lhe, quiça, e desaparecimento. E, assim sendo, como orgam dedicado aos interesses d'esta zona deste município, chamamos a atenção do patriótico governo para a representação da illustrada edilidade deste município q' lhe foi dirigida, afim de que seja ella atendida, fazendo votos para que, uma vez realizados os estudos e

⁶² *Idem.*

⁶³ FLORO, Julio. *Água?*. O Trabalho, 2 dezembro de 1906.

orçamentos pedidos, consiga a camara dentro de breve levar avante melhoramento de necessidade tão palpitante.⁶⁴

Não pretendemos afirmar que a idéia de “progresso” e avanço seja algo inevitável. No entanto, por meio das referidas passagens emerge essa idéia, circulante que deveria ser entre os periódicos e alguns administradores, de que o “bonde evolutivo” do progresso era algo inevitável, e que para a cidade de Patos de Minas isto era questão de tempo. Ou seja, levaria pouco tempo para que isto acontecesse. O otimismo, entretanto, é algo presente, e tudo se realizaria num futuro próximo, e este só iria ser palpável se todas as partes se envolvessem em um projeto “comum”, união esta que beneficiaria a sociedade patense como um todo. Vejamos então:

Agora que temos quase em realidade, uma estrada de ferro, que teremos em breve um matadouro, que em breve, teremos a água canalizada e um fazenda modelo, é justo que nos esforcemos, para que tudo isto, seja amanhã uma realidade.⁶⁵

Isto mostra que o progresso só seria possível e presente nesta sociedade se houvesse a colaboração de todos⁶⁶. Mas as disputas no interior dos próprios grupos que exerciam certa influência no campo do político teriam que deixar de existir; deveria haver uma espécie de consenso entre estas elites. Não obstante, estas rivalidades passavam de uma geração para outra, e as tensões sociais se mostravam cada vez mais presentes no cenário urbano e político patense. Estas tensões seriam capazes até mesmo de obstruírem “o progresso” ou, em certa medida, atrasá-lo. Um consenso seria realmente necessário:

64 *Idem*.

65 RODRIGUES, Euphasio Jose. *O povo patense*. O Trabalho, 20 de janeiro de 1908.

66 É interessante notar que estas obras de caráter público foram efetivas, contudo a linha de trem não foi efetivada, mesmo com a Secretaria de Obras e Aviações de Minas Gerais sob a gestão de Olegário Maciel na década de 1910. Daí um sonho que não se realizou e é um ponto que necessita de pesquisas por parte de outros estudiosos, vale a pena dizer que estão disponíveis uma vasta documentação seja tecidas nos jornais, nas atas da Câmara Municipal e em variadas correspondências entre os gestores patenses com o gestor do Estado Minas Gerais. Um outro ponto que merece relevância e esclarecimento por parte de pesquisadores é o possível enriquecimento de certas famílias nesta época que dominam, até hoje, a cidade em variadas esferas institucionais privadas ou públicas.

Vemos todos os dias uma porção de filhos de famílias sahirem desta terra constantemente, e nos collegios, nos gymnas'os, nas faculdades, abrilhantando o nome de Patos, voltarem ao seio de suas famílias reedados de maiores encômios, capazes um dia reerguer a pátria, da margem onde atiraram-na os ódios políticos e as rivalidades velhas, portanto moços é preciso cerrar fileiras para que os innuteis desobstruam a trilha, e deixem passar avante a legias invencível das proveitosos. A mocidade instruida já disse alguém, valê uma casa cheia de ouro, quem dera podessemos ter sempre ao nosso lado ...⁶⁷

As tensões relatadas por este periódico são consideradas desnecessárias pelo articulista; desavenças e fraturas “históricas” de certos grupos deveriam ser relevadas, já que atrapalhariam o desejo geral por uma cidade limpa e higienizada. A tentativa era homogeneizar o espaço social da cidade, porém esta homogeneização não era possível, devido às inúmeras disputas entre pelo menos dois grupos⁶⁸ que pertenciam à mesma estratificação social, o que gerava uma tensão. Essas rivalidades eram consideradas um entrave para o progresso da cidade em questão; mesmo por que, se não fossem tão evidenciadas, porque estariam relatadas neste jornal, uma vez que isto poderia ser considerado indício de tensão? Conforme o artigo, componentes de tais grupos saiam para estudar “fora” do município e, mesmo após sua volta, os conflitos continuavam, sendo incansavelmente reproduzidos.

A necessidade de despertar para o futuro, permeia uma questão constante: estes empecilhos ao avanço do progresso eram algo a ser superado; estas tensões não poderiam causar dificuldades, isto é, não seriam problemas os quais iriam incidir na não materialização das necessárias obras sanitárias:

Com a presidencia do Dr. Olegário Maciel, que tem sido incansavel selo para com nosso município, parece que nos vamos levantando, da aphia mórvida, deste somno hibernal, em que estávamos há muito tempo mergulhados, para com a incitava de tão prestimoso chefe, nos lançamos de mãos dadas nos braços do progresso material; destruidas as barreiras escondas dos ódios , havemos de trabalhar em prol desta terra, unidos todos por um laço de solidariedade inquebratavel.⁶⁹

⁶⁷ *Idem.*

⁶⁸ É possível citar aqui as disputas políticas, ideológicas, religiosas e até esportivas entre os Borges e os Maciel, e isto é algo que merece futuras pesquisas a nosso ver.

⁶⁹ RODRIGUES, Euphasio Jose. O progresso material. O Trabalho, 1 de março de 1908.

A solidariedade aparece nas discussões, demonstrando que a desunião dos grupos gestores e influentes da sociedade patense, poderia dificultar o suposto progresso. A disputa configura-se num estimulante real para os debates em questão; já a argumentação sobre a falta de solidariedade está presente nas discussões travadas naquele período. A nosso ver ela evidencia uma pluralidade de idéias que, às vezes, se traduz em disputas, as quais possivelmente acabam caindo no esquecimento, já que algumas idéias prevalecem e outras são vencidas. Como demonstra Hannah Arendt:

Pois se é verdade que todo pensamento se inicia com a lembrança, não é menos correto que nenhuma memória perdura e permanece intacta, a menos que seja contestada e inserida num conjunto de noções conceituais, dentro do qual ela possa afirmar-se cada vez mais⁷⁰.

Isto nos mostra um caminho tortuoso e delicado pelo qual o historiador deve passar; caminho de “espinhos” e apagamentos, voluntários ou involuntários. Assim, temos que ter atenção e cuidado para com as pesquisas, já que uma escolha pode significar um seleção para eternizar algo e legar outras coisas à amnésia.

Retomando a idéia de tensão — política e social — podemos conjecturar que há a “necessidade” de solidariedade, na visão destes sujeitos, o que dá indícios esclarecedores acerca da modernização da cidade de Patos de Minas. Nesta “atualização” urbana, por mais que houvesse tentativas de imposição, havia uma espécie de desconfiança e “aversão” quanto aos possíveis objetivos a serem alcançados e suas formas de efetivação, assim como seu significado simbólico. Contudo, vale à pena ressaltarmos a dificuldade de mapeamento destas disputas entre grupos oriundos de uma suposta elite letrada. Daí a diversidade desta cidade, tencionada e plural. Mas o que de comum é possível encontrar nas diversas evidências (artigos de jornais), produzidos na época por um e outro grupo?

Estas fontes primárias, supostamente nos mostram a tentativa de despertar a cidade para um futuro promissor. Tomando os possíveis sentidos da canalização de água potável para Patos de Minas, notamos um presente “espírito” ufanista nas matérias jornalísticas. Assim, podemos também notar e perceber a empolgação das partes envolvidas nestes periódicos, utilizados por esta pesquisa, estes exprime este sentimento. Qualquer crítica ou disputa tornava-se um empecilho ao desenvolvimento

70 ARENDT, Hannah. *Da revolução*. Brasília: UnB; São Paulo: Ática, 1988, 176.

dessa cidade; o que deveria ser combatido antes que uma suposta oposição conseguisse agregar mais adeptos e emperrar ou atrasar este suposto progresso ufanista.

O trecho a seguir faz uma condenação ao que denomina indiferentismo de alguns sujeitos frente às consolidações e projetos de algumas obras públicas nesta cidade. Esta indiferença mostra que, de forma alguma este progresso era tido como algo benéfico para todos, pois havia certa desconfiança em relação ao chamado “avanço” material. Portanto, naquele momento seria dado início ao suposto futuro promissor, o do “progresso material”; uma vez que este progresso era tido como urgência e necessidade inquebrantável no projeto de civilização. As referidas obras públicas apareciam, igualmente, aliadas a uma moral religiosa, apontando para o “alto grau de civilização de um povo”. Desse modo, ao se considerar a materialização destas obras, se estaria admitindo o seguinte pronunciamento: Patos civiliza-se. Eis ali a cidade com um futuro em aberto.

Com este suposto destino promissor em aberto, os sujeitos envolvidos desconsideravam o fato de que esta cidade se encontrasse esquecida no sertão mineiro. O que gerava uma grande empolgação por parte dos sujeitos que abraçavam um projeto modernizador, gerando assim um *locus* comum de sentimentos que, por sua vez, comoviam e moviam as ações desses mesmos sujeitos.

O matadouro, a construção do cemitério, (que já fomos commissionedados para dar parecer), a canalisação da água e, breve tempo, são o começo do progresso material desta terra, que vivia há muito esquecida, e que fazem fugir espavotidos a inércia e o indiferentismo.

O grau de civilização de um povo depende principalmente de sua organização social; é preciso que a pessoa além de ser religiosa crente em Deus, saiba também ser cidadão da república, obediente a leis de seu país.⁷¹

Desse modo, notamos a percepção dos sujeitos frente a uma possível efetivação destas obras em Patos de Minas; bem como o que teriam sentido ao ver ou pensar a respeito dessa modernização. Esta idéia de atualização do espaço era algo importante para as cidades interioranas, devido aos mais variados motivos, tais como: apagar a herança rural — pois era vista como algo que atrapalhava a vida urbana, civilizada, influenciada pela noção de “progresso” —; erradicar as moléstias; combater lugares

⁷¹ *Idem.*

tidos como insalubres; fundamentar um lugar agradável para seus habitantes; fazer com que os trabalhadores tivessem bons rendimentos, entre outras coisas. No entanto, por que tais preocupações eram tão presentes?

Uma resposta simples, que pode até ser refutada, seria a questão do grau da chamada civilização. Ser civilizado, naquele momento, supostamente significava ser moderno frente a um possível passado, bárbaro, incivilizado. Ser civilizado seria ser atualizado com as coisas que aconteciam em outras partes, isto é, em outras cidades principalmente; seria estar atualizado frente às mais variadas manifestações artísticas. Isto se materializa na suposta “organização social” de um povo, por meio dos equipamentos urbanos, de infra-estrutura coletiva, materializados nas tessituras urbanas, por meio das obras públicas.

Isto quer dizer que, além de combater hábitos e costumes, que antes eram tidos como “comuns”, os equipamentos urbanos de infra-estrutura coletiva serviriam para disciplinar estes costumes e hábitos que, de certo forma, fogem à regra. E tais equipamentos e novos modos de ser e fazer, seriam pensados por uma suposta “elite esclarecida”, que apreenderia certos valores e enfatizaria sua materialização na forma de discursos científicos. Mas o que era considerado ciência no século XIX? A cidade ideal era um *locus* gerador de constantes reflexões por parte dessa(s) elite(s): médicos, engenheiros, arquitetos e outros. A cidade era um *locus* que ocupava constantes reflexões de pensadores das diversas áreas do saber; inclusive a materialização das obras públicas foram indicativo disso. Saberes refletidos, materializados em equipamentos coletivos de um hipotético conforto, que serviria apenas para fundar uma comodidade. Mas estaria esse conforto ao alcance de todos os cidadãos? A maioria das pessoas até poderiam sentir mudanças positivas no seu cotidiano, devido a tais obras ou aparelhos públicos. Contudo, é necessário ficar claro que tratava-se também de combater velhos hábitos tidos como “perigosos” e inculcar novos costumes.

Em rigor estes orphãos que não tem estado civil não podem herdar, perdem portanto o direito de successão ab intestado, e' precioso portanto severas medidas para que mais tarde não venham soffrer justos por pecadores.⁷²

72 *Idem.*

Contudo, quem seriam os “orphãos” e os “justos”? Supostamente, seriam aquelas pessoas que acreditavam e seguiam as “novas” regras, tidas como aceitáveis. Aqui, neste caso, seriam aqueles que se adaptavam e aceitavam as diretrizes da vida moderna e de pensadores das diversas áreas do saber, seguindo regras de higiene, tidas como ideais. Nota-se, assim, que nem todos os cidadãos viam este movimento de higienização do espaço com bons olhos. Ou talvez não estivessem totalmente preparados para uma mudança contínua de seus costumes, em certos casos enraizados em dadas comunidades. Isto explicaria os apelos presentes e repetidos em variados periódicos desta época estudada. O jornal, como meio de informação e de uma sonhada conscientização, traz para as discussões a questão da subjetividade das notícias. Formadores de opinião, que acabam ganhando força, dependendo de seu público alvo, e em Patos de Minas não foi diferente. Vejamos um exemplo:

Já que tudo se vae regularizando em Patos, já que surge uma nova epocha de prosperidade, paz e concórdia, sob os mais auspiciosos augúrios, (e a) todos enfim que presidem os delirios desta terra e que tem a intelligencia esclarecida, a aconselhar este pobre povo que não conhece o mal originário destas desídias.⁷³

Notamos como a(s) elite(s), denominada(s) neste periódico por “intellegencia esclarecida” tem uma função redentora para com o povo. Povo este incapaz de acompanhar as discussões do tempo em que estavam inseridos. Assim, os intelectuais (articulistas) acreditavam que detinham a força do auxílio nesta empreitada de conscientização daqueles que se supunha serem ignorantes, isto é, pessoas simples e comuns. Carl Schorske mostra como isto foi se constituindo, gradativamente, uma vez que, com as alterações sociais isto incidia em novas concepções, tanto sobre a cidade quanto no que se refere aos estudos.

Durante dois séculos febris à transformação social, o problema da cidade pressionou sem cessar a consciência dos pensadores e artistas europeus. A reação dos intelectuais a essa pressão foi infinitamente variada, pois as

⁷³ *Idem.*

mudanças sociais trouxeram consigo transformações de idéias e valores mais protéticas do que as alterações na própria sociedade.⁷⁴

Carl Schorske mostra nesta ilustrativa passagem que o movimento de modernização do espaço urbano não vem desassociado de reflexões e projetos sobre a cidade e, além disto, observa como as possíveis mutações no cenário urbano influenciam variados observadores e estudiosos das cidades. As mudanças que ocorreram em Patos de Minas são indicativas de uma nova gama de idéias sobre o espaço urbano e a formação de alguns pensadores sobre a cidade em questão. Contudo, um ponto para o qual podemos atentar é a noção da cidade como vício, não ela propriamente, mas seus habitantes, tidos como “viciados”. Viciados em hábitos e costumes tidos como inaceitáveis para o suposto homem moderno e civilizado.

Essa concepção da cidade como “vício”, foi formulada no século XIX, devido à industrialização dos grandes centros capitalistas da Europa. Acompanhado do avanço urbano, com esta expansão das cidades, surgem problemas, o campo é substituído pela cidade em termos de população, pestes e moléstias se propagam de maneira avassaladora, “vícios”, enfim, se tornam cada vez mais presentes. E existe uma reação contra este avanço como aponta Lewis Mumford:

[talvez a] maior contribuição da cidade industrial tenha sido a reação contra os seus próprios maiores descaminhos; e, para começar, a arte do saneamento ou da higiene pública.⁷⁵

Partindo do prisma de Mumford, notamos as atitudes de muitos pensadores que viam estar as condições dos trabalhadores longe de ser as melhores ou, no mínimo, higiênicas. O que se consubstanciava em algo a ser combatido; era necessário promover uma espécie de bem estar comum para os trabalhadores e outros sujeitos inseridos nessa estratificação social. Isto não queria dizer, de forma alguma, que os governos fossem “bons”, mas sim que viam uma necessidade de modificar as práticas cotidianas dos trabalhadores em relação à higiene; do contrário, todos os outros grupos sociais estariam ameaçados por doenças infecto-contagiosas. Assim podemos, hipoteticamente, conceber

74 SCHORSKE, Carl E. *Pensando com a história. Indagações na passagem para o modernismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.53.

75 MUMFORD, Lewis. *Paraíso paleotécnico: Coketown. A cidade na história: suas origens transformações e perspectivas*. São Paulo. Martins Fontes, 1961, p.513.

que a cidade, por meio de intervenções e políticas públicas urbanas, seria um local em que tenderiam a prevalecer comportamentos aceitos. Pensada sobre este viés a cidade pode ser considerada enquanto um *lócus* civilizador ou de virtude, desde que conseguisse extirpar hábitos e costumes perniciosos.

As intervenções urbanas, de maneira geral, serviriam como tentativas para sanar a miséria comportamental, a qual incidia no cenário das grandes cidades. Assim, um conhecimento supostamente científico, teria uma parcela fundamental nisto, pois:

A cura deveria ser encontrada no centro da doença: na metrópole moderna. Ali, a partir da própria degradação, surgira a moral humanista e o espírito científico para construir uma nova sociedade (...). Todos condenavam a cidade, mas não a atacavam por ser vício, e sim seus moradores, por serem viciosos.⁷⁶

Ora, refletir sobre o processo de urbanização de qualquer cidade é compreendê-la como um desafio, e este desafio vem acompanhado de sugestões e idéias que movem e se processam na cidade, a fim de que seja um lugar agradável e seguro. De certo modo, é isto que os periódicos patenses apontavam constantemente. A cidade é como um cenário ativo e parte integrante de uma peça teatral na qual a cidade e os sujeitos sociais se misturam como, talvez, sendo somente um corpo, tensionado. Contudo, a ação dos seus gestores não é encenar, e sim modificar, realmente, os comportamentos tidos como perigosos, perniciosos e ameaçadores da ordem pública; uma vez que, da(s) própria(s) “elite(s)” poderia(m) sugerir prováveis soluções para os “vícios” dos moradores, tornando suas atitudes virtuosas.

Todos os atrasos nas obras eram alvo de duras críticas dos periódicos, tanto os de humor quanto os literários⁷⁷, que circulavam nesta cidade. Um exemplo disto seria a crônica de 1911 que faz um diálogo entre a Água, o Vento e a Vergonha trazendo, assim, uma crítica sobre a falta de abastecimento de água, apontando que o vento levou a água para as “verdes campinas das montanhas” e a vergonha ia de casa em casa que não possuía água.

76 SCHORSKE, *ibidem*, p.65.

77 Uma curiosidade que notamos ser pertinente é que em meados da década de 1910 houve um silêncio na documentação, o jornal O Trabalho se extinguiu, e essa extinção vem acompanhada de uma epidemia de varíola que começou provavelmente em 1909, provocando muitas mortes nesta cidade. Para superar este silêncio da documentação, remeteremos a algumas Atas da Câmara Municipal patense e analisaremos alguns jornais avulsos que circulavam nesta cidade durante este período.

Passciam estes trez indivíduos pelas ruas de uma cidade, onde por acaso encontraram-se em um recanto. A água linda donzella, trajando se de branca lhes disse: quando precisar de meu auxilio, ide, nos mares nos rios, nos valles, encontrar-me-eis em abundância. O vento, moço elegante, cabelo eriçado, vestido de vermelho, disse as suas companheiras: amigas, á vossa disposição, acho-me quasi em todo lugar, principalmente no elmo dos montes. Finalmente, a vergonha, cobrindo-se um manto azulado, vedado o rosto com um negro véo, disse: collegas, achar-me-eis em quase todos os homens, porém, aquele que me perder, não me encontrara jamais. O vento, acompanhava a água: dava-lhe lindas ondulações de d'ahi ha pouco roçava as verdes campinas em procura das montanhas. A vergonha, humilde sob seu habito, percorria de casa em casa as ruas da cidade sem água.⁷⁸

Podemos observar na segunda frase desta crônica, por meio da linguagem alegórica, a referência aos recursos hídricos: para achar água em abundância tinha que se ir aos rios, mares, vales. Seria indício de que a água não chegava em todas as casas, ou ainda que não havia um abastecimento que funcionasse de maneira eficaz. O próprio modo como foi escrita indica que havia algumas críticas não claramente impressas; daí a própria escolha da linguagem literária para manifestar este descontentamento e pedir, talvez atitudes políticas. Tratava-se, por certo, da não concordância com as diretrizes dos gestores patenses. Sabemos que esta obra – *Gestão das Águas* – somente fora inaugurada em 1915. Pode-se destacar também a percepção do autor dessa crônica diante desse processo de modernização, já que, de uma forma ou de outra, fazia uma crítica à falta d'água.

A importância de analisar essas crônicas é sugerida por Bresciani⁷⁹, uma vez que, como dito anteriormente, suas percepções sobre as transformações são de suma importância para entender o(s) posicionamento(s) diante da modernização. Apesar da forma indireta desse discurso literário, a crônica é significativa pela atualidade dos assuntos que põe em pauta, os quais deviam fazer sentido para os então leitores. Estes, sensíveis à questão das águas, entenderiam a crítica presente na disfarçada menção irônica da “falta de vergonha”. Os motivos dessa “falta de vergonha” seriam, talvez, devidos ao descaso para com a população de modo geral. Como vimos, as notícias anteriores à década de 10 do século passado, mostrava uma espécie de euforia em torno da canalização de água, que ainda não havia sido concluída; isto causava um sentimento de frustração pelo descaso com a cidade e seus cidadãos.

78 *A água o vento e a vergonha*. O Juvenil, 14 de maio de 1911. (Acervo Altamir Fernandes.)

79 BRESCIANI, 1998, p. 237.

Contudo, sabemos que nada é construído de uma hora para outra, os próprios jornais mostram a necessidade de estudos, para que as obras se tornassem palpáveis. No entanto, houve variadas dificuldades para que estes estudos fossem realizados, uma delas inclusive foi a epidemia de varíola, e outra foi o desaparecimento dos estudos feitos anteriormente, outra ainda foi a demorada nomeação de outro engenheiro em meados de 1912.

Quanto a aludida comissão de Melhoramentos Municipais, a mesma encarou com simpatia a pretensão patense, e a 8 de agosto de 1912 chegava em Patos o engenheiro Jose Jorge da Silva, e seu auxiliar Raul Fernandes para os estudos preliminares, os quais importavam em 8:778\$731.⁸⁰

Em dezesseis de setembro de 1913, foi apresentado na Câmara Municipal um relatório que tinha por função primordial justificar os atrasos da construção do abastecimento de água potável nesta cidade. As explicações eram inúmeras para explicitar e justificar este atraso. Notemos então:

Senhores Membros da Câmara Municipal de Patos. Tenho a honra de trazer a vosso conhecimento o resultado da viagem que a serviço da Câmara Municipal, fiz a Capital do Estado e ao Rio de Janeiro, de três de junho a 14 de agosto do corrente ano. Para fins que da lei municipal 121, de 1909, tendo sido perdidos os anteriores serviços de estudo para o abastecimento de água potável a esta cidade, desideratum almejado por toda a população, há mais de 20 anos; em dias do ano procurei entender-me com o Exmo. Sr. Dr. Secretário da Agricultura, em nome desta municipalidade, para que nos concedesse um engenheiro que desempenhasse esta Comissão; sendo-me autorizado contratar por conta do Estado, os que nos aprovesse, visto não ter nenhum disponível na ocasião. Em boa hora confiei essa Comissão ao abalizado Dr. Jose Jorge da Silva. Feitos serviços de campo, devido ao estado de saúde do comissionado, sé em dias de maio fui por ele chamado a receber em Belo Horizonte.⁸¹

Este documento indica que o suposto atraso ocorre devido à falta de uma pessoa especializada para fazer os estudos necessários para sistematizar um projeto de abastecimento de água. Mesmo por que os estudos feitos anteriormente à década de dez

80 FONSECA, idem, p.252.

81 Reproduzido de: MELLO, Antonio de Oliveira, et tal. *Uma história de exercício da democracia: 140 anos do legislativo patense*. Patos de Minas: Câmara Municipal de Patos de Minas, 2006, p.192. Este autor, fala que este relatório foi dirigido ao Agente Municipal, contudo, não diz quem o escreveu.

desapareceram; e mais uma vez a ajuda é pedida ao Estado mineiro, agora remetendo a um especialista. Contudo, este documento não esclarece quem elaborou tais estudos e por que haviam desaparecido. Fazemos tal leitura como indicativo de tensões sociais, manifestas em conflitos em torno da cidade de Patos de Minas, devido às disputas supostamente entre os grupos já referidos. Podemos supor também uma rachadura entre o então presente Agente Executivo Marcolino de Barros com seus predecessores. Esta tensão era algo que se arrastou durante todo o período estudado. Tentando ler as fontes de uma maneira diferenciada, essa urdidura vem à tona e notamos que as disputas anteriores continuam alimentando esta tensão tão perene nesta cidade.

Nos artigos um e dois, votados em 1913 notamos a tentativa de dar total autonomia ao Agente Executivo, para tomar as decisões cabíveis à efetivação das obras de saneamento, tão necessárias e urgentes para a cidade, mesmo se fosse necessário pedir empréstimos ao Governo estadual em nome da prefeitura. Notemos:

Artigo 1.º E' o Agente Executivo Municipal auctorizado a entrar em contato e accôrdo com o Governo do Estado, para, por intermédio d'este, realizar n'este município, obras de saneamento e outros melhoramentos de real necessidade, como: abastecimento d' água, rêde de esgotos e instalação de força elétrica.

Artigo 2.º E' igualmente auctorizado o Agente Executivo Municipal a assumir, em nome do Município, a responsabilidade dos encargos relativos a apuração de credito destinados a realização d'aquellas obras contribuindo um empréstimo até duzentos contos de réis.⁸²

Nesta legislação podemos argumentar sobre dois vieses distintos: a atualização do espaço urbano e a limitação posta pela câmara à gestão de Marcolino de Barros. A ideia de atualização do espaço — ou de sintonia com os recursos existentes — está totalmente ligada à noção de modernização do espaço urbano em questão. Modernizar significa torná-lo novo e moderno, mesmo com obras de caráter higiênico isto mostraria um suposto nível de progresso desta cidade. A dificuldade de se governar adentra o cotidiano administrativo do governo de Marcolino de Barros, o que indica que ele ficara autorizado a tomar empréstimos somente se estes fossem destinados a obras específicas. Assim, parece-nos que os gastos públicos eram destinados a outras coisas

82 Manuscrito. Patrimônio histórico de Patos de Minas. 23 de setembro de 1913 caixa 03.03.09 pasta 09. Água e esgoto.

que não àquelas voltadas para o suposto conforto coletivo, uma vez que poderiam ser destinados a benefícios próprios ou de pessoas próximas a ele.

Mesmo com a efervescência das discussões na primeira década do século XX na cidade de Patos de Minas, somente ao adentrar na década de 1910 é que o governo municipal conseguiu ter uma resposta satisfatória para o problema da água, com a chegada de um engenheiro, em 1912. Isto é um indício importante, em que as necessidades desta cidade somente foram sanadas anos depois de serem percebidas e reivindicadas saídas. Notamos, portanto, um descompasso entre os governos municipal e estadual. Essa demora se arrastara até o ano de 1915; sendo assim houve uma necessidade, por parte do governo estadual, de nomear outros engenheiros para acompanhar a construção desta obra.

A morosidade dos trabalhos levou o Governo a designar o engenheiro Nicodemos Macedo, para fiscalizar e acelerar o ritmo da obra, encarecendo de urgência, pois conforme contrato, tudo deveria estar pronto a 15 de julho de 1915, para ser inaugurado um mês depois (...) finalmente, testadas as instalações feitas por Abel Gargão, a obra pode ser inaugurada na data prevista.⁸³

Existe uma dificuldade em se mapear os motivos dessa demora. De certo modo, vale à pena recorrermos, como explicação, às disputas internas na cidade e, ao mesmo tempo, às dificuldades de diálogo entre a prefeitura e Governo de Minas Gerais, para conseguir verbas necessárias, suficientes. Com a designação do engenheiro Nicodemos Macedo, os desejos dos governantes patenses, ou de pelo menos uma parcela destes, foram concretizados.

Sobre a questão das possíveis disputas internas notamos a tentativa de se recuperar a memória dos antecessores de Marcolino de Barros enquanto homens “bons”. Com a possibilidade de inauguração desta obra de saneamento, de uma maneira geral, estes predecessores poderiam cair no esquecimento, devido à exaltação da pessoa e agente executivo Marcolino de Barros.

83 FONSECA, idem, *ibidem*.

A medida que em Patos ouvem-se crepitar as vozes da civilização e os cantos enlevados do progresso, elles vão sendo devastados por braços assassinos que desprezam as memórias de seus antepassadas.⁸⁴

Quem são os denominados por eles? Uma hipótese possível seriam as constantes tentativas de se apagar uma memória passada, dirigentes passados que tentaram ou supostamente fizeram alguma coisa para a cidade de Patos de Minas. Sabemos que é importante salientar. Porém, tentando ir mais além, notamos a intensificação de possíveis disputas em torno desta cidade, indicativo de que este problema tenderia a continuar ainda por muito tempo.

No que diz respeito ao Agente Executivo patense, na pessoa de Marcolino de Barros notamos, também, que a relação entre esta cidade com o Estado mineiro não era das melhores. Marcolino era encarado por outro periódico como um “expoente maximo” da política patense por ter conseguido governar esta cidade mesmo sem o apoio do estado.

O Dr. Marcolino, o expoente maximo da nossa política de reserva, depois de lutar contra a falta de vontade do Governo e a má compreensão dos politicos da activa, pretende iniciar, por estes dias os trabalhos de avançamento da linha telegraphica que ligará esta cidade aos centros cultos. E há ainda quem acredita nesta terra, que santo de fora não faz milagre (...).⁸⁵

Este fragmento alude à dificuldade interna e externa de Marcolino de Barros em concretizar sua política — seu projeto — para esta cidade, no que tange à governabilidade; já que, tanto interna quanto externamente havia uma gama de dificuldades em se manter um possível diálogo com o Governo mineiro e com os vereadores denominados “políticos da activa”⁸⁶. A única coisa que não podemos afirmar é se este artigo seria uma resposta ao fragmento anterior, já que haviam se passado três meses entre um e outro. Contudo, é uma evidência demonstrativa de uma luta e/ou disputa em torno do poderes públicos municipais e até ao nível estadual.

⁸⁴ *Os coqueiros*, O grito, 30 de janeiro de 1915.

⁸⁵ *O Progresso de Patos*, O Riso, 10 de abril de 1915.

⁸⁶ Esta relação de Patos de Minas na Gestão de Marcolino de Barros com o Estado mineiro necessita e precisa ser estudada de uma maneira mais detalhada, pois a algo de estranho nesta cisão. Aqui nesta pesquisa isto foi enfocado para dizer que não havia um apoio mutuo e isto dificultava o suposto progredir da cidade.

Assim, notamos que as discussões em torno do espaço em questão, são resíduos de uma outra problematização, a do espaço do urbano, o qual gerava uma tensão social muito presente nas páginas destes periódicos. Desse modo, notamos nestas páginas, como os processos humanos são dotados de sentidos, os quais necessitam ser problematizados e interpretados pelo historiador.

Desse modo, conseguimos captar, mesmo de forma elementar que tensão social advém, de certo modo, de disputas diversas, neste caso aqui por meio de uma pesquisa, empiricamente conduzida, notamos a cisão dos diferentes patamares governamentais. Aqui isto pode ser interpretado como sendo uma disputa política, devido a constelações de interesses diversos de grupos políticos. Esta cisão pode ser comportada pela noção pluralidade, ou seja, pluralidade de idéias em torno da política praticada em Patos de Minas e em Minas Gerais. Esta noção também comporta os distintos pensamentos em torno da cidade, pensamentos que podem ser percebidos, devido, talvez a experiências diversificadas e vividas pelos sujeitos sociais que vêem a cidade e a política de maneiras distintas. Assim, denominado por Claude Lefort como ocultações e aparições. Vejamos:

[...] que algo como a política tenha vindo a circunscrever-se em uma época, na vida social, tem precisamente um significado político, um significado que não é particular, mas sim geral. A constituição do espaço social, a *forma* da sociedade, a essência do que outrora nomeado por cidade é que esta em causa com este acontecimento. O político revela-se assim no que nomeia atividade política, mas nesse duplo movimento de aparição e de ocultação do modo de instituição da sociedade. Aparição, no sentido que emerge a visibilidade o processo crítico por meio do qual a sociedade é ordenada e unificada, através de suas divisões: ocultação, no sentido em que um lugar da política (lugar onde se exerce a competição de partidos e onde forma e se renova a instância geral do poder) designa-se como particular, ao passo que se encontra dissimulado o princípio gerador da configuração de conjunto.⁸⁷

Com suas motivações distintas, sejam visíveis ou ocultas, estas atitudes designam “uma configuração do conjunto” plural, que desemboca na cidade. Notamos esta idéia materializada na “realidade” da cidade, principalmente, nas políticas públicas, pois não são idéias indeterminadas que confluem na cidade e sim idéias pensadas, racionalizadas, subjetividades confluindo no espaço da *urbs*. E parece-nos que tudo aquilo que ameaçasse uma suposta prosperidade da cidade tinha que ser alvo de duras

87 LEFORT, Claude. *Pensando o Político: ensaios sobre democracia, revolução e liberdade*: São Paulo: Paz e Terra, 1991, p. 25-26.

críticas. Ou seja, os que colocassem empecilhos à prosperidade, tinham que ser combatidos, seja governo, seja o povo com seus hábitos e costumes comuns.

Assim, quando mais próximo do dia tão esperado, os jornais anunciavam e afirmavam que por mais de uma década, os constantes debates acerca do abastecimento de água potável. Anunciavam agora que seria inaugurada a tão esperada obra, mostrando que, aliado à concretização desta obra, um aperfeiçoamento intelectual do “povo” patense era tido como real.

[...] um perfeito abastecimento d'água potável e uma poderosa uzina electrica, que serão brevemente inaugurados e, finalmente, o aperfeiçoamento intellectual “de um povo que levanta”⁸⁸ (e) Como a parcella da sociedade patense, nos cabe pouco do desvanecimento de que ella orgulha-se⁸⁹.

Este fragmento sugere que a materialização de políticas públicas por parte dos administradores das cidades incidiria, também, numa espécie de mudança comportamental por parte dos cidadãos. Não temos tanta certeza disto, pois enraizados os costumes e hábitos tidos como incorretos (dos cidadãos), estes não seriam modificados de maneira tão rápida; pois para serem modificadas, as posturas deveriam ser trabalhadas de maneira gradativa, e isto requer um tempo no qual a educação tem uma função primordial, embora não exatamente por meio da reestruturação da educação, mas por meio dos periódicos que entram em cena com a mesma função e estes deveriam alcançar outras esferas sociais.

Creemos que a euforia foi tanta com a inauguração desta obra que a exaltação explanada pela palavra “aperfeiçoamento” seria uma vontade presente no cotidiano deste órgão formador de opinião. Assim, notamos que, para existir uma postura aceitável por parte de alguns sujeitos sociais, a primeira coisa que se deve fazer é uma intervenção no espaço urbano, baseada na questão da higiene e da salubridade; e isto incide de forma direta na postura dos cidadãos em seu fazer e viver cotidianos.

A nota predominante da semana foi a experiência do serviço de abastecimento d'água potável á cidade.

88 AMARAL, Heráclito, *O progredir de Patos*, Cidade de Patos 18 de abril de 1915.

89 *Patos civilisa-se*, Cidade de Patos 6 de junho de 1915.

As treze horas do dia 19, estando o reservatório completamente cheio, foi aberto o registro da linha de distribuição de 50 minutos após, a rêde estava inteiramente servida, pois todos os chafarizes e pontos terminados de ramais accusavam a presença do precioso liquido em jorros cristallinos.

Em torno dos chafarizes e pontos pelo quaes corria a água, um formigueiro de curiosos, a semelhança de mariposas em fôco de luz, estasiava-se alegremente.

Pelas suas physionomias satisfeitas, sentia-se o regosijo que lhes ia no intimo; e ainda mesmo para alguns despeitados, aquelles para quaes água em patos, só em bambus, não a proque a quizessem, nem porque duvidassem da effectividade d'este melhoramento, mas pelo gostinho de mal a dizer da falta, de faltar de tudo, sem nada produzir, estes mesmos ainda que contrafeitos mostravam-se satisgeitos.⁹⁰

A inauguração da canalização das águas deixava o “povo” eufórico e ansioso, talvez esta alusão à euforia não passasse de algo ilusório e talvez, também, nem todos os cidadãos compartilhassem dessa ansiedade. A tensão social estava presente neste espaço urbano plural, pois nem todos viam estes melhoramentos com bons olhos, o que poderia ser explicado pela rachadura causada por disputas políticas, isto é, conflitos presentes no dia-a-dia da cidade. Isto pode ser considerado um registro importante, que pode nos revelar alguns dados importantes e resquícios de disputas e conflitos presentes nesta cidade. Assim:

A censura diária, insistente, caustica das pessôas sensatas contra as selvagerias, praticadas á horas mortas ou em lugares ermos, foram fazendo echo e cada malfeitor (a mais das vezes inconsciente,) foi envergonhado-se de si mesmo e deixando em paz, esses desaffectedos inoffencivos.

Verdade é, que só mesmo, com pertinacia de que sabe querer, com o concurso de todos aquelles que amam a terra e o reconhecimento dos que lhe são hospedes, pode-se chegar a este resultado; formando-se bloco contra a ignorancia, a indiferença e a inércia dos retrogrados que possam existir.⁹¹

Desta forma, podemos salientar que nem todos tinham a mesma percepção sobre a modernização do espaço urbano; talvez devido a inimizades que confluíam em uma espécie de tensão social generalizada; talvez devido a possíveis discordâncias de projetos para a cidade, isto é, sobre o que seria mais urgente e importante para a cidade; ou ainda devido às diferentes condutas/posturas que coabitavam Patos de Minas. Não

90 *A semana*, Cidade de Patos 25 de julho de 1915.

91 *Patos civilisa-se*, Cidade de Patos 6 de junho de 1915.

conseguimos mapear projetos distintos para a cidade de Patos; contudo, essa tensão social tão presente sugere, no mínimo, disputas e críticas partidas de todos os lados, do contrário este periódico não teria a necessidade de responder de maneira incisiva que existem “retrógrados”, indiferentes às realizações no espaço urbano. Retomando a idéia de união, esta notícia vem argumentar uma possível adesão daqueles que amam esta cidade contra os ignorantes que “possam existir” na mesma.

Isto quer dizer que há uma espécie de precisão, que incidiria num consenso entre os que viam a cidade de maneira eufórica e aqueles que a percebiam através de uma postura crítica; os quais, de certo modo, eram acusados de inertes e indiferentes. Uma união praticamente impossível, já que os “iluminados” que amavam a cidade não se sustentariam em suas posturas se não fossem os críticos que precisariam ser convencidos. Desse modo, a primeira questão “capital” era extirpar o indiferentismo e respeitar a liberdade do cidadão o que se configura presente no suposto progresso patense, notemos:

A questão capital é banir o indiferentismo.

O segundo factor do progresso em Patos é o respeito á liberdade do cidadão.

A liberdade faz parte do lemma de nossa bandeira republicana, que o venerando da ilha de Guenersey, esculpiu em seus períodos immorredouros. *O que é a liberdade? Não tem definição. Para difinil-a eu desejava tudo que há de mais bello neste mundo, desejava o concurso da natureza, as vezes voluptuoso e meigo, as vezes arrebatador e nobre, recuberta das louçanas as mais sedutoras de seu viço, dos esplendores mais vividos de sua pujança admiravel, quisera o concurso dasbellas artes, da pintura com as cores, que o gênio de Murrillo, roubara ás alvoradas, da estatuaria que o poder creador de Pygmalião, fazia a face de se velar de pejo, e a bocca tremer num beijo; da musica, com as suaves melodias, que puseram no miserere, Palestina de Mosart, da poesia, que seja pela tuba epica de Homero, ou pela deleitável candura de Virgilio, da oratoria ou rugindo pela bocca de Demosthenes, quando estigmatizava os inimigos da Republica, porque eram os inimigos da pátria, ou pelo verbo de Mirabeau quandoimpulsionava a revolução, ou como o podre Andre Chenier que condemnado em sua lyra divina os excessos de revolulao, entoou um cantigo dos degraus da guilhotina que, como disse Vieira de catro, como do cysne nunca fôra tão divino.*

Por isso, eu digo que em Patos, a liberdade civil e religiosa em quanto os partidos polticos tiverem de manifestar suas opiniões, quer nas urnas, quer na imprensa enquanto em Patos fôr licito criticar, censurar, enquanto os chefes politicos não voltarem as costas aos círios santos, que illuminão o altar da liberdade, a cidade de patos caminhará impávida pela senda do progresso.

Disse José Bonifácio que na pedra sombria do Valle, no píncaro gigante da serra, Deus escreveu o nome da liberdade antes gravá-lo no coração do homem.⁹²

Esta longa citação sugere uma necessidade de respeito às opiniões diversas, a liberdade deveria ser respeitada ainda mais com a instauração do regime republicano em 1889 e a abolição da escravatura que, de certo modo, foi tido como um avanço dos direitos civis. Liberdade, palavra de “ordem” que adentra e é difundida durante este período, pois supõe e alude a um passado onde esta era restritiva a um grupo de pessoas somente. A liberdade, para os republicanos, figurava como uma jóia, algo que os diferenciaria politicamente de outras convicções, além de expressar sinteticamente o conjunto dos valores liberais que, em última instância, governam seus projetos, inclusive os de salubridade e de opinião pública. Entretanto, isso é uma longa história⁹³. Esta também remetia à noção de respeito às diferentes idéias que circulavam na época, idéias diferentes e plurais que iam da arte à ciência e circulavam, principalmente entre as “elites esclarecidas”. Quanto mais presente e reverenciada essa liberdade, mais presente o progresso nesta cidade interiorana.

Segundo eles, a liberdade oscila da crítica à censura. Mas será que isto significou uma espécie de resposta a alguns possíveis críticos desse periódico? Talvez. Contudo, como resolver o problema da indiferença *versus* liberdade de agir e pensar? Isto, a nosso ver, soa como uma espécie de resposta aos críticos desta cidade que, possivelmente, queriam liberdade e não a viam presente no cotidiano patense. Podemos supor que a imprensa patense, de certo modo, gerenciava a imagem do Agente Executivo Marcolino de Barros e isto causou inquietudes por parte de uma parcela da sociedade que exigia uma postura mais crítica, talvez seja esta uma resposta possível.

Contudo, a instalação do abastecimento de água seria concluída em agosto de 1916. Quem promoveu esta obra foi o Agente Executivo Marcolino de Barros que, segundo este periódico, fora ovacionado pela população que estava presente, além de ser homenageado por lideranças.

92 RODRIGUES, Euphasio Jose, *O Progresso da cidade de Patos*, A cidade de Patos, 2 de maio de 1915.

93 Estas idéias foram retiradas e pensadas a partir do texto de Josianne Francia Cerasoli. Ver em: CERASOLI, Josianne Francia. *Modernização no plural: obras públicas, tensões sociais e cidadania em São Paulo na passagem do século XIX para o XX*. Tese (Doutorado em História), Campinas: IFCH-Unicamp, 2004, p. 307-342

Foi no dia 16 do corrente ano, instalado, oficialmente o abastecimento d' água potável nesta cidade; havendo na casa da Camara uma sessão solenne, presidida por S. Excia. D. Eduardo Duarte Silva, falando diversos oradores; sendo, na mesma ocasião, collocado, sennemente, no salão nobre d' aquela casa, o retrato do operoso e illustrado presidente da Edilidade, dr. Marcolino de Barros, a quem foi feita a noite estroudosa manifestação popular.⁹⁴

Temos que problematizar a afirmativa do periódico quanto à instalação da canalização de água. A problemática que pode ser levantada é a seguinte: este sistema realmente funcionava? Se sim, como?

Parece que sua funcionalidade era até certo modo efetiva e sua inauguração fez com que as enfermidades fossem sanadas. Outro ponto que é importante ressaltar é a postura dos cidadãos frente às condições mínimas de higiene e salubridade, o que nos possibilita notar um ideal de estágio sanitário que não fora realmente efetivado pelo seguinte motivo os cidadãos ainda continuavam a fazer e praticar em seu cotidiano, costumes antigênicos e isto incomodava os poderes públicos presentes nesta cidade. Vejamos:

O problema da prophylaxia, estava resolvido, cannalisou-se a água, prohibiu-se o plantio de arroz nas visinhaças da cidade, acabou-se com os chiqueiros, extinguiram-se lodaçaes, e o povo vio os efeitos benéficos e salutareas dessas medidas. As febres malignas que desde o tempo do pranteado Dr. Zacharias, vinham devastando a cidade, bateram em retirada.

Todo tempo das aguas, como vulgarmente chamam a estação calmosa, parecia que um nordeste maldito, arrancava para longe todas as flores da terra, e com violencia balouçava os cyprestes, recemplantados na sepulturas dos que iam cahindo, e que este mundo e o vestibulo do infinito, e que nós viemos aqui cumprir as penas por crimes que comettemos noutros mundos.

Hoje gosamos uma felicidade, que é relativamente curta, amanhã quando o estado sanitário fôr máo, que nuvens prenes de desgraças voltarem em de redor desta cidade, o povo quiexar-se-ha dos esculapios; serão os principais culpados, não reflectem, porem que foram os próprios architectos de sua ruína; este nosso artigo é mais do que uma admoestação, é um aviso solemne. Somos de opinião que a municipalidade sem mais tardança deve tomar providencias enérgicas sobre o caso, para que amanhã os malevolos não venham dizer, que a concendencia, da nesna, conduziu a um estado de coisas, que todos nós deploramos.

*A avalanche hade sanear o pântano, se a parte sã da população for a primeira a profligar os abusos.*⁹⁵

94 Sem título, A carapuça, Patos de Minas 26 de agosto de 1915. (Acervo particular Altamir Fernandes.)

95 *Chiqueiros de porcos dentro da cidade*, Cidade de Patos 30 de julho de 1916.

Estes abusos podem ser considerados atos e/ou ações não aceitas. Esta notícia reside na tentativa de dizer em alto e bom som: se temos uma cidade higiênica precisamos mantê-la assim. Apesar dos melhoramentos diminuírem, as incidências de febres e moléstias nesta notícia notamos que, baseada na noção de “admoestação”, isto é um aviso importante para todos os cidadãos respeitarem as condições mínimas de higiene e salubridade, pois além das obras, era necessária uma nova postura destes em seu cotidiano, sob o prisma da higiene e da salubridade, para assim evitarem abusos e costumes não aceitos pelos poderes públicos que queriam manter um certo controle social. Isto causava discussões, uma vez que estes costumes eram considerados empecilhos reais para um progresso, não o progresso material propriamente dito, e sim um progresso das idéias. As iniciativas surgiam na formulação de leis para evitarem animais nas ruas, chiqueiros na cidade, abatimento ilegal, dentre outras coisas.

Mesmo flexibilizando, podemos afirmar que no caso particular de Patos de Minas existiram grandes pedras no caminho do progresso, dentre elas o costume das pessoas comuns e\ou não é o “indiferentismo” (?). Esta nova postura exigida pela modernidade, remontava uma (re)educação dos sujeitos sociais, para que assim não ameaçassem as obras públicas materializadas sobre o égide da higiene e da salubridade, uma vez que a maioria das iniciativas de atualização do espaço urbano social remetiam a estes dois prismas. Se falhassem na (re)educação de nada valeriam as obras de intervenção no meio urbano patense. Assim, a tentativa de um suposto equilíbrio social estaria em xeque, pois a necessidade não era somente de intervenção no espaço, mas também nas pessoas. Observando este viés notamos que a modernização desta cidade tinha muito mais do que técnicas e saberes que nortearam as intervenções urbanas, já que tinham um suposta pedagogia de (re)educação dos cidadãos. Porém, como era esta? Adiantaria? Quais seriam as posturas destes para com outras obras de caráter público? Isto é outra história, que não pretendemos explorar nestas páginas.

Considerações finais e\ou onde tudo recomeça?

Podemos, de certo modo, afirmar que esta pesquisa permanece aberta. Esta abertura reside no fato de que não desejamos tomar nossa interpretação como o único modo de refletir sobre a cidade e a história de Patos de Minas, e sim como umas das apreensões possíveis dentro dos limites do autor e da documentação. Marc Bloch, utilizando um provérbio árabe, afirmou que “os homens parecem mais com seu tempo do que com seus pais”. Isto é algo aceito por nós⁹⁶, uma vez que futuras gerações que se debruçarem sobre fontes diversas e sobre as mesmas utilizadas, problematizarão e explicarão de forma diferente, podendo avançar e retroceder.

Assim, entendo esta pesquisa como uma pequena contribuição para a reflexão histórica no meio de outras tantas interpretações possíveis, advindas de problemas do passado, que confluem para o presente, ou reflexões do presente que permitem pensar o passado sob uma nova ótica. Dizer isto significa, primordialmente, afirmar que outras reflexões contribuíram e contribuirão para pensarmos sobre nós historiadores e sujeitos de todas as estratificações sociais, como parte integrante da sociedade, seja de Patos de Minas ou de outros locais. Todos temos direito ao passado ao presente e por que não a um futuro?

Pensando assim, uma possível guisa conclusiva se torna algo difícil; contudo, enfrentaremos este desafio instigante a partir do que foi dissertado nos capítulos deste estudo. Patos de Minas se caracteriza pela complexa teia de relações sociais manifestada neste ensaio, nas interações políticas, pois seres sociais são essencialmente políticos, dentro e fora de suas imediações, e desse modo podemos perceber como o espaço social urbano é apreendido.

Isto leva a pensarmos as próprias esferas da sociedade, tidas como hegemônicas, como configuradas por seres que não compartilham, na maioria das vezes, do mesmo projeto político — e isto é tecido nos jornais como “indiferentismo”. Esta indiferença, aliada ao costume, aparece como algo tido como um obstáculo ao suposto progredir e civilizar a cidade.

Patos de Minas moderna: era esse o objetivo idealizado e refletido por parte dos sujeitos tidos como esclarecidos, pois desejavam a cidade ideal salubre e higiênica. No

⁹⁶ Leia-se por mim.

entanto, as obras públicas estudadas aqui não remetiam somente a esta localidade, mas, sobretudo, a Minas Gerais e ao Brasil em sua totalidade. Neste sentido, se torna inviável afirmarmos que as obras aqui escolhidas como objeto de reflexão (Matadouro Municipal e Gestão das Águas), constituíam-se em algo que meramente se resumia numa suposta noção de desejo por parte das elites tidas como esclarecidas. Sobre isso, vale ainda perguntar: estas elites agiriam e pensariam conscientemente seus atos?

O início do século XX e final do século XIX é tido por nós como um dos períodos mais férteis de mudanças da(s) sociedade(s) brasileira(s), e estas mudanças não se restringiam somente aos grandes centros urbanos, isto é, às grandes cidades tomadas como referências, pois as noções, idéia de modernidade/progresso circulam em variadas localidades; adentrando, assim também no sertão mineiro, desbravando e tentando pelo menos apagar a “cidade rural”, símbolo de um tempo não bem aceito. Não era aceito, pois esta idéia de ruralidade comportava práticas, costumes e hábitos tidos como indesejáveis, algo que ameaçava a higiene do espaço urbano social moderno, e estas faziam alusão ao passado rural, imagem, difundida como sendo retrocesso de um passado que necessita ser esquecido pela idéia de “progresso”.

Não seria de modo algum significativo para a cidade ficar presa a este passado, visto que se buscava sempre algo que projetasse o moderno, isto era uma busca incessante a novas idéias e, de certo modo, a noção de salubridade foi o caminho percorrido para alcançar as mudanças esperadas e imaginadas que superariam esse passado⁹⁷. Contudo, mesmo com as reformas em Patos de Minas estes (práticas, costumes e hábitos) prevalecem sobre a legislação causando a indispensável necessidade de um controle político por parte dos gestores da cidade, isto é, maior centralidade administrativa sob o prisma de controlar e combater qualquer atitude refratária.

Ações intervencionistas e controle político eram algo presente neste contexto de transformações contínuas da sociedade patense. A cidade pensada sobre este prisma e inserida como história, se mostra um *locus* de pluralidade de idéias, disputas acarretando assim a tensão. A sociedade idealizada e harmoniosa, prevalecia como referência que deveria se tornar comum, sob a noção de bem estar social.

Contudo, reconhecemos que possa ter ainda faltado aqui uma discussão mais acurada em torno da bibliografia sobre o regime republicano brasileiro, ou ainda uma

97 Reflexões feitas a partir de. CERASOLI, *ibidem*, *idem*.

apreensão mais detida sobre a técnica nessas obras, bem como uma problematização da(s) idéia(s) “força” que estava(m) presente(s) neste período sob o nome de “ordem e progresso”. Ainda reconhecemos a ausência de problematizar os dois legados que confluíram na modernização da cidade em questão e de outras cidades brasileiras e européias: os ideais liberais presentes no século XIX e o legado da cidade industrial. Assim, questionamos mais uma vez o que esses ideais significaram para a cidade de Patos de Minas. Foram aceitos, criticados, rejeitados ou ignorados?

Portanto, entendemos que esta ação de nos debruçarmos sobre diversificadas fontes e a escolha de algumas em detrimento de outras fez com que surgissem novas problemáticas e indagações. Dessas problemáticas e indagações surgem novas perguntas e questões, como exemplo: como se fundara uma dominação legítima nesta cidade e como ela era vista e sentida? Por que (e como) certos grupos se perpetuam até hoje nos poderes legislativo e executivo patenses? Quais os possíveis significados para a cidade de outras obras públicas? Qual o sentido e relação da cidade-campo para os sujeitos moradores desta cidade? Qual a representação dominante sobre o progresso de Patos de Minas? Quais as diferenças da modernização patense se comparado com as cidades referencias do período estudado? Quais os distanciamentos e aproximações?

Contudo, no percurso desta pesquisa até este ponto, procuramos captar e mapear as discussões que ocorreram em volta das duas obras públicas aqui estudadas – Matadouro Municipal e Gestão das Águas. Partimos destas obras para pensar a cidade como um espaço plural e peculiar, rebatendo assim a idéia de uma suposta homogeneidade da elite patense, bem como mapeando o distanciamento com outras pesquisas sobre esta cidade, que não têm como proposta problematizar os sentidos das tensões sociais existentes na cidade.

Desse modo, dissertar sobre a materialidade da cidade (por meio da discussão sobre as obras públicas) é um dos meios possíveis de se compreender e problematizar o suposto progresso tão presente nos discursos nesta cidade tecidas nos periódicos. A efetivação do Matadouro e da Gestão das Águas originou novas reivindicações — que não foram trabalhadas aqui — e novos desejos são incorporados, e isso nos leva a recolocar uma questão: quando os sujeitos sociais percebem as transformações do espaço social urbano, instituem-se novas transformações revestidas em novas concepções de tempo e de espaço?

Talvez... mas isto é outra reflexão e/ou outra história, pois a história sempre se (re)começa e continua com outros sentidos, sentimentos, indagações e problematizações.

Referências

Fontes

Acervos consultados.

Acervo Particular Altamir Fernandes.
Laboratório de Ensino e Pesquisa em História (Unipam).
Patrimônio Municipal de Patos de Minas.

- Acervo Particular Altamir Fernandes.

A carapuça.

- Sem título, A carapuça, 26 de agosto de 1915.

O Juvenil, 1911.

- *A água o vento e a vergonha*, 14 de maio de 1911.
- *Patos civilisa-se*, Cidade de Patos 6 de junho de 1915.

O Grito.

- *Os coqueiros*, 30 de janeiro de 1915.

O Riso.

- *O Progresso de Patos*, 10 de abril de 1915

- Laboratório de Ensino e Pesquisa em História (Unipam).

A cidade de Patos.

- AMARAL, Heráclito, *Patos no limiar do progresso*, 15 de agosto de 1915.
- AMARAL, Heráclito. *O progredir de Patos*, 18 de abril de 1915.
- *Chiqueiros de porcos dentro da cidade*, de julho de 1916.
- OLIVIERY, José de Castro, *Pela limpeza da cidade*, 2 de maio de 1915.
- *Patos civilisa-se*, Cidade de Patos 6 de junho de 1915.
- *Pela limpeza da cidade*, Cidade de Patos, 6 de junho de 1915.
- RODRIGUES, Euphasio Jose. *O Progresso da cidade de Patos*, A cidade de Patos, 2 de maio de 1915.

O Trabalho 1905-1909.

- *Abastecimento d' água*, 9 de outubro de 1905.
- F. M. *Pela hygiene e Pela intrucção*, 7 de janeiro de 1907.
- FLORO, Julio. *Água?*, 2 dezembro de 1906.
- *Matadouro Municipal*, 20 de outubro de 1905.
- *Matadouro Municipal*, 8 de novembro de 1908.
- *Pela Hygiene*, 7 de janeiro de 1907.
- RODRIGUES, Euphasio José . *O progresso material*, 1 de março de 1908
- RODRIGUES, Euphasio Jose. *O povo patense*. O Trabalho, 20 de janeiro de 1908.

- Patrimônio Municipal de Patos de Minas.

Manuscritas.

- Manuscrito. Patrimônio histórico de Patos de Minas. 23 de setembro de 1913 caixa 03.03.09 pasta 09. Água e esgoto.

- Patos de Minas Leis e resoluções da Câmara Municipal. Ouro Preto. Typographia a vapor da gazeta oliveira, 1897. Lei no 17 de 14 de maio de 1895. Parte I Capítulo IV Artigo 22 Incisos 12-13.

Bibliografia

ANDRADE, Carlos Roberto Monteiro de. A cidade como um corpo são e belo: O pensamento urbanístico do engenheiro Saturnino de Brito. In: FERNANDES, Ana. GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras (orgs). *Cidade & História: Modernização das cidades Brasileiras nos séculos XIX e XX*. Salvador. UFBA, 1992, p.77-81.

ARENDDT, Hannah. *Da revolução*. Brasília: UnB; São Paulo: Ática, 1988.

ARÓSTEGUI, Julio. *A pesquisa histórica: teoria e método*. Bauru: Edusc, 2006.

BÉGUIN, François. As maquinarias inglesas do desconforto. *Espaços e Debates*, nº 34. São Paulo: NERU, 1991, p. 39 - 54.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas, Vol I: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 4ª edição, s/d.

BERMAN, Mashall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia da Letras, 1997.

BLOCH, Marc. *Apologia da história: ou ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2001.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. História e historiografia das cidades, um percurso. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998, p. 237-258.

_____. Cidade, cidadania e imaginário. In: SOUZA, Célia Ferraz de; PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Imagens Urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*, 1997, p. 10-25

_____. As faces do monstro urbano (as cidades no século XIX). *Revista Brasileira de História*, v. 5, nº 8-9, SP, set.1984-abr.1985.

_____. Cidade e História. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (Org.). *Cidade: história e desafios*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002, pp. 16-35.

CARPINTEIRO, Marisa Varanda Teixeira. Imagem do conforto: A casa operária nas primeiras décadas do século XX em São Paulo. In: BRESCIANI, Maria Stella Martins (org). *Imagens da cidade: séculos XIX e XX*. São Paulo. Anpuh/Marco Zero/Fapesp, 1993, p. 123-143.

CARPINTEIRO, Marisa Varanda Teixeira, CERASOLI, Josianne Francia. *A cidade como história*. CARPINTEIRO. *História, questões e debates*. Curitiba, UFPR, 2009, no prelo.

CAPRI, Roberto. Minas Gerais e seus municípios. In: _____. *O Brasil e seus estados*. São Paulo: Capri & C. Editores, 1916.

CERASOLI, Josianne Francia. *Modernização no plural: obras públicas, tensões sociais e cidadania em São Paulo na passagem do século XIX para o XX*. Tese (Doutorado em História), Campinas: IFCH-Unicamp, 2004.

CHAUI, Marilena. Sobre o medo. In: NOVAIS, Adauto. *Os Sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.35-76.

FEBVRE, Lucien. Combates pela história. In: MOTA, Carlos Guilherme (Org.). *Febvre, história*. São Paulo: Ática, 1978.

FONSECA, Geraldo. *Domínios de Pecuárias e Enxadachins: História de Patos de Minas*. Belo Horizonte: Ingrabrás, 1974.

LEFORT, Claude. *Pensando o Político: ensaios sobre democracia, revolução e liberdade*: São Paulo: Paz e Terra, 1991.

LE GOFF, Jacques. Prefácio da 1ª edição. In: *O imaginário medieval*. Lisboa: Editora Estampa, s/d.

_____. *Memória e história*. 5. ed. Campinas, Unicamp, 2003.

LOPES, Miriam Bahia. Porto, Porta, Poros. In: BRESCIANI, Maria Stella Martins (org). *Imagens da cidade: séculos XIX e XX*. São Paulo. Anpuh/Marco Zero/Fapesp, 1993, p. 61-75.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. v.1. São Paulo. 1982.

MELLO, Antonio de Oliveira, et tal. *Uma história de exercício da democracia: 140 anos do legislativo patense*. Patos de Minas: Câmara Municipal de Patos de Minas, 2006.

MELLO, Antonio de Oliveira. *100 Anos de comércio em Patos de Minas*. Patos de Minas: Edição do CDL, 1992.

_____. *Patos de Minas: Capital do Milho*. Patos de Minas: Editora da Academia Patense de Letras, 1971.

_____. *Patos de Minas: Minha Cidade*. Patos de Minas: Editora da Academia Patense de Letras, 1978.

MUNFORD, Lewis. Paraíso paleotécnico: coker town. In: *A cidade na história: suas origens transformações e perspectivas*. São Paulo: Martins Fontes, 1961.

SEVCENKO, Nicolau. Introdução: O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso In: NOVAIS, Fernando A. (coord) e SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil*. VOL. 3 - República: da Belle Époque à era do rádio, São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história*. Operários, mulheres, prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. A família triunfante. In.: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. *História da vida privada*. v.4. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SANTOS, Roberto Carlos dos. *Urbanização, Moral e Bons Costumes: Vertigens da Modernidade em Patos de Minas. (1900 – 1960)*. Dissertação (Mestrado em História)- Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002.

SCHAFF, Adam. *História e verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

SCHORSKE, Carl. *Pensando com a História: indagações na passagem para o modernismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *Viena Fin-de-Siècle: política e cultura*. São Paulo: Companhia das Letras. Campinas: Ed. Unicamp, 1988.

THOMPSON, E.P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981.

_____. *Formação da classe operária inglesa*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

_____. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas/SP: Ed. Da Unicamp, 2001.

WEBER, Max. *Metodologia das ciências sociais*. V.II. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2001.